

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

ELISA BORTOLINI

**DEFICIÊNCIA VISUAL, CORPOREIDADE E TECNOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL E A EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE
POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM AMBIENTES VIRTUAIS**

PORTO ALEGRE

2014

ELISA BORTOLINI

**DEFICIÊNCIA VISUAL, CORPOREIDADE E TECNOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL E A EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE
POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Relações Públicas.

Orientador: Prof^a Dr^a. Nísia Martins do Rosário

Coorientador: Prof^a Ms. Lisiane Machado Aguiar

PORTO ALEGRE

2014

CIP - Catalogação na Publicação

Bortolini, Elisa

Deficiência visual, corporeidade e tecnologia: um estudo sobre a construção da imagem corporal e expressão da sexualidade por deficientes visuais em ambientes virtuais / Elisa Bortolini. -- 2014.

75 f.

Orientadora: Nísia Martins do Rosário.

Coorientadora: Lisiane Machado Aguiar.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Comunicação Social: Relações Públicas, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Deficiência Visual. 2. Corporeidade. 3. Representação Mental. 4. Sexualidade. 5. Internet. I. Martins do Rosário, Nísia, orient. II. Machado Aguiar, Lisiane, coorient. III. Título.

**DEFICIÊNCIA VISUAL, CORPOREIDADE E TECNOLOGIA: UM ESTUDO SOBRE
A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL E A EXPRESSÃO DA SEXUALIDADE
POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM AMBIENTES VIRTUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel
em Comunicação Social – Relações Públicas.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Nísia Martins do Rosário
Orientadora

Profª Ms. Lisiane Machado Aguiar
Coorientadora

Profª Ms. Ana Cristina Cypriano Pereira
Examinadora

Prof. Ms. Alex Damasceno
Examinador



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado **Deficiência visual, corporeidade e tecnologia: um estudo sobre a construção da imagem corporal e a expressão da sexualidade por pessoas com deficiência visual em ambientes virtuais** de autoria de **Elisa Bortolini**, estudante do curso de **Comunicação Social – Relações Públicas**, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, 23 de junho de 2014

Assinatura:

Nome completo do orientador: Nísia Martins do Rosário

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha amiga Camila, que foi a grande inspiração para essa pesquisa e me ajudou durante todo o desenvolvimento do trabalho, compartilhando comigo cada descoberta para muito além de tudo o que eu conheci sobre deficiência visual durante nossos anos de amizade e convivência. Agradeço também ao Wagner, que me trouxe, mais que indicações de contatos para pesquisa e bibliografia, a sua fascinante história de vida. A todos meus demais entrevistados, gostaria de agradecer principalmente pelo acolhimento e por esclarecerem minhas dúvidas de uma forma muita mais rica do que eu poderia esperar.

À minha família, obrigada por todas as vezes em que apoiaram meus sonhos, deixando que eu me lançasse para alcançar o que parecia distante. Aos meus amigos, obrigada por completarem minha jornada com o encanto de cada momento que passamos juntos. Durante esses anos de faculdade, vocês foram as pessoas que mais engrandeceram minha formação.

À minha dupla de orientação, Nísia e Lisiane, obrigada por incentivaram meu trabalho em momentos em que achei que não seria viável realizar a pesquisa. Dedico um agradecimento especial também à professora Olga Solange Souza, que me auxiliou com sugestões e bibliografias sobre o assunto.

RESUMO

Esta pesquisa investiga de que forma os indivíduos com deficiência visual constroem a representação de seus próprios corpos bem como que sentido produzem e de que forma interpretam o corpo dos indivíduos com quem se relacionam em ambientes virtuais, correlacionando a questão da corporeidade com a expressão da sexualidade. Realiza-se um estudo baseado em histórias de vida, analisando os relatos dos entrevistados sob a luz da fenomenologia da percepção e dos estudos sobre as novas significações do corpo, encarado como uma construção simbólica. Também é feito uso das concepções sobre cibercultura e interação mediada por computador para entender como os indivíduos com deficiência visual relacionam-se no ciberespaço. Após a análise, observa-se que o cego gera uma imagem mental do corpo com base em referenciais específicos em função da sua condição, sendo alguns aspectos interpretados e construídos de forma diferente do vidente. Ainda, constata-se que a internet é, para esses indivíduos, sinônimo de inclusão e igualdade de oportunidades, e que nesse meio eles têm mais liberdade para expressarem sua sexualidade.

Palavras-chave: deficiência visual, corporeidade, representação mental, sexualidade, internet.

ABSTRACT

In this paper, we seek to understand how the visually impaired build a mental representation of their own bodies, as well how they produce sense and interpret the body of individuals with who they get related in virtual environments, correlating the concepts of embodiment and expression of sexuality. The research is based on life stories, which are analysed considering the phenomenological structure of perception and the studies about new meanings attributed to the body that is understood as a symbolic construction. Also, we use the conceptions about cyberculture and computer-mediated communication to understand how the visually impaired builds relationships on the internet. After the analysis, we observe that blind people usually create a mental image of the body based on a specific system of references imposed by their condition, and some aspects are interpreted and constructed in a different way when compared to those who can see. Moreover, we verify that internet is synonymous of inclusion and equal opportunities for these people, and that they fell more freedom to express their sexuality in the cyberspace.

Keywords: visual impairment, embodiment, mental representation, sexuality, internet.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Painel de funções do DosVox.....	57
Figura 2: PapoVox, o bate-papo do DosVox.....	59
Figura 3: Portal Mundo Cegal.....	60
Figura 4: Portal Cegueta.....	60

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 METODOLOGIA DE PESQUISA	13
3 DEFICIÊNCIA VISUAL: PERCEPÇÃO, IMAGENS MENTAIS E SEXUALIDADE	21
3.1 Concepções acerca da deficiência visual	21
3.2 O cego e a percepção do mundo.....	23
3.3 A construção de imagens mentais: simbolização e representação.....	28
3.4 Deficiência, sexualidade e preconceito.....	31
4 CORPOREIDADE, TECNOLOGIA E DEFICIÊNCIA: APROXIMAÇÕES	37
4.1 O corpo revisitado: uma nova ordem simbólica.....	37
4.2 O corpo na era da informação.....	43
4.3 Corpo e deficiência.....	48
5 DEFICIÊNCIA VISUAL, SOCIALIDADE E RELACIONAMENTOS AFETIVOS NO MEIO VIRTUAL	53
5.1 Ciberespaço e Interação Virtual.....	53
5.2 A pessoa com deficiência visual na internet: tecnologias assistivas.....	56
5.3 A socialidade em rede e a formação de comunidades.....	58
5.4 Relacionamentos afetivos e a sexualidade no ciberespaço.....	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	75
APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO	78
APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA	79

1 INTRODUÇÃO

A internet configura-se em uma forma de comunicação à distância de uso cada vez mais frequente, proporcionando a aproximação de indivíduos com afinidades e características comuns. Nesse meio, as pessoas estão se comunicando sincronicamente e formando comunidades através do que muitos autores classificam como socialidade virtual. A partir dessa perspectiva, as relações pessoais têm avançado no ambiente virtual até o ponto de pessoas virem a buscar parceiros na rede. Assim, por meio da internet e, mais precisamente, das redes sociais, muitas pessoas tentam solucionar questões de cunho afetivo-amoroso, entre outras.

Com esta nova forma de comunicação, muitos tabus e preconceitos são levantados, mas também diluídos, permitindo que as pessoas conversem e troquem experiências sem estarem sob a sombra de certos estigmas sociais. É o caso dos indivíduos com deficiência visual, que encontraram na internet uma forma de transpor a barreira discriminatória da cegueira e expressar sua sexualidade sem os julgamentos de suas famílias e da sociedade. Ali, o cego tem a liberdade de relacionar-se com quem lhe parecer interessante, pois nesse espaço ele é independente, diferente do que muitas vezes ocorre no meio off-line.

Enquanto videntes (termo que designa pessoas dotadas de visão) podem ter acesso a fotos das pessoas com as quais se relacionam pela internet, o cego lança mão da descrição física verbal para que possam formar imagens mentais de indivíduos com quem mantêm contato. No entanto, a forma como pessoas que possuem memória e referências provenientes da visão constroem representações mentais é diferente daquela que cegos o fazem, pelo fato de a percepção do ambiente, dos objetos e das pessoas não se dar da mesma maneira entre ambos. Além disso, indivíduos que não enxergam possuem poucas referências no que diz respeito às diferentes naturezas e constituições dos corpos, o que torna singular sua concepção acerca da corporeidade humana.

Tendo esse contexto como base, o presente trabalho se propõe a descobrir de que forma os indivíduos com deficiência visual constroem a representação de seus próprios corpos, que sentido produzem e de que forma interpretam o corpo dos indivíduos com quem se relacionam em ambientes virtuais. Como objetivos específicos, a pesquisa busca analisar quais as correlações feitas e que artifícios são usados por estes indivíduos para construir essas representações mentais tendo

em vista suas percepções e sua relação com o mundo de forma não vidente, além de investigar a maneira como eles expressam e lidam com sua sexualidade nesses espaços, sempre dialogando com as questões de preconceito.

Todas as pesquisas que põem em evidência as minorias sociais já possuem um valor teórico-científico relevante, já que buscam interpretar aspectos culturais, econômicos ou sociais através de perspectivas que não são as dominantes. Para o campo da comunicação, devemos levar em conta a relevância do estudo ao pensar que estamos lidando com uma forma diferenciada de linguagem que deve ser compreendida dentro das suas especificidades. Além disso, tendo em vista a perspectiva das Relações Públicas, as pessoas com deficiência visual configuram-se como um público com uma forma de organização própria, e que vem sendo bastante explorado no que diz respeito aos entrelaçamentos entre comunicação e acessibilidade. Ainda, em se tratando de pessoas com deficiência visual, há um anseio desses indivíduos por pessoas que coloquem em destaque temas relacionados a eles que não são comumente explorados, como, por exemplo, a sexualidade. Há um imaginário público que supõe que os deficientes são pessoas assexuadas, pois a deficiência acaba justapondo-se a qualquer outra característica básica do indivíduo: ele é, antes de tudo, um cego. Assim, destaca-se a importância de dar voz aos deficientes, sejam visuais ou de qualquer outra natureza, para quebrar esses arquétipos que alimentam o preconceito.

Do mesmo modo, a maneira como indivíduos com deficiência visual constroem suas imagens mentais e até mesmo a sua concepção sobre o termo “ g ” g já representações são formadas por meio de outros sentidos que, no caso dos videntes, são postos em segundo plano quando comparados ao sentido magnânimo da visão. A visão, por muitas vezes, encabeça a percepção que temos do mundo, visto que somos bombardeados diariamente por imagens provenientes dos diferentes meios de comunicação. Dessa forma, nossa mente organiza-se primeiramente pela informação visual, para depois entrecruzar os dados provenientes dos demais sentidos. Face a esse contexto, é possível entender porque as imagens mentais de pessoas com deficiência visual são objetos empíricos plausíveis de serem estudados, já que podem trazer resultados surpreendentes.

Para isso, far-se-á um levantamento bibliográfico que embase as questões relativas à deficiência visual, corporeidade e novas tecnologias, pontos fundamentais do trabalho em questão. Os principais autores a serem trabalhados incluem Eliane

Porto (2005) e Maria Alves de Toledo Bruns (2008), duas das principais autoras brasileiras que trabalham as questões relativas à sexualidade e corporeidade de cegos; Maurice Merleau-Ponty (1999), filósofo fenomenólogo francês que estuda aspectos relacionados à percepção; Jean-Jacques Wunemburger (2006), David Le Breton (2006 e 2012) e Lucia Santaella (2004 e 2007), pensadores do corpo e de suas novas significações simbólicas; e, por fim, André Lemos (2002), Alex Primo (2008) e Howard Rheingold (1996), que discutem a cibercultura, as novas tecnologias e o surgimento da socialidade virtual.

Já a metodologia de pesquisa está baseada na técnica da história de vida, cujo aporte teórico é dado por Jacques Léon Marré (1991). Foram realizadas sete histórias de vida com pessoas com deficiência visual para embasar esta pesquisa, sendo que duas delas foram mais aprofundadas que as demais. Para tal, os relatos orais foram colhidos a partir de entrevistas semiestruturadas realizadas tanto pessoalmente como via software de chamada de voz. Por meio dessa técnica, procura-se não apenas compreender as histórias individuais de cada entrevistado, mas também analisá-los enquanto grupo, buscando semelhanças e diferenças nas suas percepções e entendimentos sobre os temas abordados.

É fundamental citar que este trabalho está estruturado sob uma lógica teórico-metodológica própria; ou seja, os resultados da pesquisa serão apresentados no decorrer dos capítulos teóricos, sendo desenvolvidos com mais ênfase nas considerações finais. Optou-se por essa forma de apresentação por julgar-se mais válido corroborar ou discordar dos estudos teóricos apresentados por meio dos resultados empíricos à medida que o trabalho fosse se desdobrando. Em virtude disso, a pesquisa está dividida em quatro capítulos, sendo que o primeiro trará a metodologia de pesquisa para que já seja explicitada a forma como foram interpretados os resultados que se seguirão. Na sequência, será apresentado o capítulo sobre deficiência visual, que engloba questões referentes a conceitos básicos sobre a cegueira, percepção de mundo e formação de imagens mentais pela pessoa com deficiência visual, além de aspectos sobre sua sexualidade. Já o capítulo seguinte aborda concepções relacionadas às novas formas de significação e interpretação do corpo humano e à corporeidade virtual, correlacionando-as com a deficiência visual. Por fim, o capítulo final trará asserções sobre tecnologias assistivas e o uso da internet por indivíduos com deficiência visual para se relacionarem afetivamente com outras pessoas.

2 METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia usada para a realização da pesquisa empírica divide-se em duas etapas. Primeiramente, foi feita uma pesquisa exploratória a fim de validar a proposta de estudo e efetuar uma aproximação acerca do objeto empírico. Conforme Gil (2008), a pesquisa exploratória tem por objetivo a familiarização com o assunto escolhido, ajudando a conhecer o objeto a ser estudado e a formular hipóteses de pesquisa. Nesta etapa da pesquisa exploratória, ocorreu um pré-teste do roteiro elaborado para as entrevistas - o qual será mais detalhadamente explicado na sequência - com duas pessoas que integravam amostra da pesquisa. A partir das respostas obtidas nesse pré-teste, foi possível delinear de forma mais adequada as perguntas da entrevista de modo a efetivamente atingir os objetivos da pesquisa.

Neste momento, também foi realizada uma observação participante de caráter exploratório no portal do PapoVox - *chat* desenvolvido para pessoas com deficiência visual - para constatar na prática como se construíam os diálogos e como, efetivamente, se estruturavam salas de bate-papo especiais para cegos. Nesta observação, foi possível interagir com três cegos do gênero masculino, o que foi relevante para compreender como os indivíduos com deficiência visual se comportam e iniciam uma aproximação no meio virtual. Sobre esse contato, notou-se que esse *chat*, assim como vários outros voltados ao público vidente, é um espaço de bastante apelo sexual, caracterizados por uma postura bastante incisiva principalmente dos homens em relação às mulheres. Além disso, a pesquisa exploratória incluiu buscas na internet por sites, perfis e grupos de cegos em redes sociais que ajudassem a compor o estudo feito sobre a atuação destes indivíduos no ciberespaço. Os sites e grupos encontrados, que serão definidos com mais rigor no capítulo 5, incluem os portais Mundo Cegal, Cegueta, os perfis de Twitter @vidadecego, @papoacessível e @Dorina_Nowill, além dos grupos de Facebook *Cegos na Cozinha* e *Os Cegos e a Tecnologia*.

A segunda etapa da metodologia compreende a aplicação de entrevistas semiestruturadas construídas com base na teoria sobre método empregado para a pesquisa, que é o método biográfico com ênfase na técnica de história de vida descrita por Jacques Léon Marré (1991). Segundo o autor, o método biográfico admite a construção, a partir de cada história de vida, de relações básicas que envolvem o grupo e o indivíduo em si dentro da sociedade, expressas no relato oral.

A história de vida busca reconstruir uma experiência humana vivida em grupo a partir do discurso do indivíduo, englobando tanto relatos orais quanto autobiografias, longas entrevistas abertas e outros documentos e testemunhos de natureza oral ou escrita.

No princípio do uso dessa técnica, a unidade fundamental e central da pesquisa era o indivíduo, mesmo que o estudo em si se referisse a um grupo. Atualmente, os pesquisadores utilizam a história de vida para reconstruir a trajetória histórica de um grupo social; não são relevantes ao pesquisador, por isso, relatos de cunho individualista, psicológico ou mesmo terapêutico. Com isso, é possível dar à história de vida um caráter coletivo, é “uma história histórica de relações sociológicas e empíricas vividas por um grupo, mas captadas em sua essência individual” (MARRÉ, 1991, p. 110).

Antes de iniciar as explicações sobre seleção da amostra, coleta e organização de dados, é fundamental salientar que a proposta desta pesquisa não era seguir à risca as técnicas do método biográfico descritas por Marré (1991). Conforme o próprio autor cita, o pesquisador não usa uma técnica específica para fazer a coleta do relato oral: ele é levado a desenvolver seu próprio método biográfico, tornando as técnicas descritas na teoria aplicáveis ao seu estudo e, assim, criando uma nova forma de operacionalizar o método. Em outras palavras, o pesquisador faz uma releitura das técnicas, organizando e interpretando seus relatos orais à luz de um referencial teórico, porém da forma mais adequada para si.

Marré (1991) propõe, na sequência, dois critérios para se definir a seleção do grupo social a ser pesquisado: a efervescência e a descontinuidade. O primeiro critério faz referência à presença de tensões sociais e interações históricas dentro do grupo a ser pesquisado; se o grupo for apático e não apresentar fatos que suscitem discussões, a pesquisa perde o propósito. Já a descontinuidade representa as diversas rupturas sofridas pelo grupo no decorrer de seu desenvolvimento histórico: é preciso que haja diferenciações e mudanças de estado entre o que ele era no passado e o que é hoje para que se configure como um objeto de pesquisa rico. Neste caso, o grupo social pesquisado compreende pessoas com deficiência visual que sejam usuários frequentes da internet e de redes sociais tanto para realizar tarefas diárias quanto para conhecer outras pessoas. A relevância de estudo deste grupo pode ser explicada através do fato de serem indivíduos que podem trazer um novo olhar acerca do uso dessas tecnologias e também por toda a

questão do estigma e do preconceito que envolve não só cegos, mas qualquer deficiente na busca pela expressão de sua sexualidade.

Já sobre critérios de amostralidade, Marré (1991) sugere que o número de indivíduos é menos relevante que a riqueza de seus depoimentos e o quão capaz o indivíduo é de relatar a trajetória do grupo pesquisado. Desta forma, a noção de estatística não é a mais apropriada para a definição da amostra na técnica de história de vida. Pelo contrário, buscam-se definir critérios qualitativos de seleção para que seja possível abarcar todos os temas, fatos, juízos e estratégias que sejam fundamentais para construir o movimento histórico e social do grupo pesquisado. Logo, o autor propõe dois critérios para escolha da amostra: diversificação e saturação.

A diversificação supõe a escolha de indivíduos que sejam capazes de perpassar todos os domínios que se desejam ser pesquisados em relação ao grupo em questão, que seriam pessoas realmente conhecedoras do campo de estudo. Para deixar a diversificação da amostra ainda maior, é possível, conforme o autor, é “ ”: , , pontuando estratégias e citando conexões que podem vir a enriquecer o estudo pela criação de novas relações. Da mesma forma, estes entrevistados podem sugerir outros que trarão depoimentos úteis à pesquisa. Por sua vez, a saturação sugere a mobilidade do número de pesquisas em função do aporte significativo ou não que elas trarão a partir de certo ponto do estudo. Ou seja: em um determinado momento, as informações começarão a repetir-se e poucos dados novos emergirão dos relatos, o que já indica que o campo investigado está coberto e que número de pesquisados chegou um ponto de saturação.

Esses critérios de amostralidade descritos por Marré (1991) refletem bem a forma como foi selecionada a amostra desta pesquisa. Partindo dos dois primeiros entrevistados, foram surgindo indicações de outros indivíduos com deficiência visual que poderiam participar da pesquisa. A ideia era compor uma amostra variada, tanto com níveis de cegueira diferentes quanto com experiências de vida variadas, além de contar com homens e mulheres em número semelhante. Inicialmente, 11 indivíduos foram pré-selecionados, e a partir deles fez-se a composição de um grupo, que contemplou sete indivíduos:

a. Bárbara (nome fictício), 25 anos, deficiente visual total, superior incompleto, servidora federal do INSS. Perdeu a visão aos 6 anos de idade;

- b. Pedro (nome fictício), 33 anos, resquício de percepção luminosa no olho direito, pós-graduação, pedagogo. Perdeu a visão aos 7 anos de idade, voltou a enxergar por cerca de 2 anos e ficou cego novamente aos 14 anos.
- c. Cecília (nome fictício), 21 anos, deficiente visual total, superior incompleto, monitora em universidade. Perdeu a visão nos primeiros meses de vida.
- d. Raul (nome fictício), 31 anos, deficiente visual total, pós-graduação, empresário. Perdeu a visão aos 11 anos de idade.
- e. Lauro (nome fictício), 23 anos, baixa visão, superior incompleto, músico e operador de áudio. Perdeu a visão no nascimento.
- f. Sandra (nome fictício), 45 anos, deficiente visual total, mestrado, coordenadora de educação especial. É cega congênita.
- g. Clara (nome fictício), 37 anos, deficiente visual total, superior incompleto, desempregada. Perdeu a visão aos 22 anos.

No decorrer das entrevistas, constatou-se que este número estava adequado à proposta de pesquisa, pois foi passível de se observar o efeito de saturação nos últimos relatos: a quantidade de informação nova extraída era muito pequena em comparação às primeiras entrevistas, apesar de não se descartar a relevância destas informações. Entretanto, muitos conceitos passaram a repetir-se, o que indicava que a pesquisa já estava alcançando o objetivo ao qual se propunha.

Como a forma escolhida para coleta dos relatos orais foi a aplicação de duas entrevistas semiestruturadas mais longas com um casal de indivíduos com deficiência visual, Bárbara e Pedro, e cinco entrevistas semiestruturadas mais curtas, é importante citar que será usado o nome verdadeiro do casal pelo fato de ambos terem concordado com a divulgação e também porque é dado um enfoque maior sobre os relatos orais deles no decorrer do trabalho, já que suas histórias de vida foram mais aprofundadas. Já entre os demais entrevistados, houve pedidos de que o nome real não fosse divulgado; optou-se, deste modo, por citar todos os cinco através de nomes fictícios. Considerando isso, todos os entrevistados autorizaram, mediante termo de consentimento, que as informações coletadas nas entrevistas fossem divulgadas neste TCC.

Sobre a modalidade de coleta, Marré (1991) aponta que ela pode ser realizada de três formas distintas: método neutro, pesquisa participação e pesquisa participação complementada por variantes etnobiográficas. O primeiro método está

baseado em uma filosofia positivista e supõe que o pesquisador adote uma postura neutra, tornando-se um simples anexo do processo de gravação do relato oral: um presente-ausente. Entretanto, esse método vem sendo cada vez menos difundido em função de não ser possível assegurar que o indivíduo fará sua narração sempre em relação com o grupo social: ele acaba tornando-se, no caso, única fonte do social, enquanto o real objetivo é fazê-lo estar em constante relação com o grupo social, função a qual corresponde ao pesquisador e sua capacidade de reproduzir e simular essa situação dentro de um relacionamento dinâmico.

Porém, a história de vida seja feita mediante a relação de diálogos e trocas comunicativas entre pesquisador e pesquisado. É construído através de um clima de confiança mútua que se instaura entre pesquisador e pesquisado. O autor enumera quatro características importantes desse método: o direito à palavra e à expressão tido pelo entrevistado; a micro-relação de igualdade construída entre pesquisador e pesquisado, sem a tentativa de subordinação por nenhuma das partes; a criação de uma empatia do pesquisador para com entrevistado a fim de vivenciar o relato do indivíduo e acompanhar de forma ativa e crítica o que está sendo expresso; e, por fim, o fato de que, neste método, o pesquisador corre riscos a cada momento em virtude das interpretações e avaliações que faz ao decorrer do processo no intuito de criar vínculo mais íntimo com o entrevistado e levá-lo a expressar-se de uma forma ainda mais verdadeira.

Por fim, existe a pesquisa participação complementada por duas variantes etnobiográficas citadas pelo autor. A primeira consiste em, a partir de uma ou duas histórias de vida, colher referências de pessoas e fatos que possam ser postos em discussão. A partir disso, o pesquisador pode contatar essas outras testemunhas e atestar a veracidade dos fatos, esmiuçar detalhes, aprofundando o relato: uma biografia de várias vozes. A outra variante seria fazer uma avaliação de diversas histórias cruzadas e, a partir de uma amostra completa de histórias de vida, juntar as pessoas mencionadas e fazer uma avaliação de tudo o que foi dito, aumentando a confiabilidade e a validade da investigação. Em suma, o autor destaca:

Nesse método de coletar histórias de vida, o básico não é a neutralidade, mas a cooperação empática, a igualdade substancial frente à verdade e o risco corrido pelo pesquisador, para levar o sujeito à plena expressão de sua experiência humana, no campo constitutivo de sua relação em um

grupo social e, através dela, com a sociedade global. (MARRÉ, 1991, p. 117)

A perspectiva usada para coletar os relatos orais neste estudo foi pesquisa participação ou investigação participativa. Durante as entrevistas, a intenção, mais do que seguir à risca o roteiro proposto, foi criar um vínculo com o entrevistado. Esse vínculo era importante para o processo pela delicadeza do tema a ser tratado, que envolvia assuntos íntimos e também abordava questões relativas à discriminação. Foi possível ter essa abertura com todos os entrevistados, alguns mais, outros menos. Porém, em nenhum momento algum deles se negou a responder alguma pergunta ou se sentiu intimidado pelas questões propostas: as entrevistas fluíram bem e foi possível abarcar todos os temas propostos. Inclusive, em alguns momentos, os entrevistados estavam tão à vontade que fugiam um pouco do foco da entrevista, contando outras experiências de sua vida. Foi dada liberdade para que eles falassem abertamente sobre outros assuntos justamente para não prejudicar a formação desse laço entre pesquisador e pesquisado, porém sempre tentando retornar à ideia central da entrevista. É igualmente importante citar que as entrevistas trouxeram dados e informações que, muitas vezes, não eram passíveis de serem encontrados no material bibliográfico disponível.

Além disso, as experiências individuais, o grau de desembaraço do entrevistado ao falar e as próprias causas e a idade da perda da visão foram determinantes no roteiro da entrevista. Por vezes, foi necessário readaptar as perguntas porque o entrevistado havia perdido a visão já na idade adulta ou porque era de baixa visão, o que anulava alguns questionamentos do roteiro. Da mesma forma, se o entrevistado não demonstrasse oferecer muitas informações relevantes para a pesquisa sobre alguns temas específicos, era necessário readaptar as perguntas de forma a extrair dele dados que ele estivesse apto a fornecer, e não insistir em um assunto que não rendesse resultados. Por isso, é possível dizer que o roteiro das histórias de vida foi reestruturado - ora mais, ora menos - no momento da entrevista de forma a contemplar individualmente as potencialidades dos pesquisados sobre diferentes temas.

Uma história de vida supõe a enumeração de diversos fatos históricos; assim, segundo Marré (1991) para classificá-los é possível optar por uma organização cronológica ou então por uma hierarquização dos fatos em um determinado período de tempo. Para as histórias de vida de Pedro e Bárbara, optou-se pela construção

de um questionário semiestruturado que seguisse uma ordem cronológica: nascimento, primeiras experiências de socialização com outras pessoas, entrada na escola e aprendizado do Braille, adolescência e a descoberta da sexualidade, vida adulta, etc. As perguntas, em todas as etapas desse processo cronológico, estavam focadas principalmente em aspectos envolvendo comunicação, preconceitos, sexualidade, construção de imagens mentais e internet. Por sua vez as demais entrevistas, apesar de também terem presente o viés cronológico, não estavam tão estruturadas conforme essa lógica, mas sim se dividiam em três grandes grupos de perguntas: questões relativas à formação de imagens mentais, questões sobre corpo e sexualidade e questões acerca do uso da internet e redes sociais.

É importante destacar que as histórias de vida realizadas com Bárbara e Pedro foram além da entrevista em si, contando com cerca de três encontros presenciais com cada um deles onde foi possível conhecer sua casa, seu modo de vida, seus hábitos e parte de sua rotina; as entrevistas, ao final, totalizaram quase cinco horas de áudio para ambos, as quais foram posteriormente transcritas. Já com os demais entrevistados, optou-se por realizar a entrevista através do software de chamada de voz Skype em função da localização dos pesquisados, que são provenientes de diversos locais do Brasil. Da mesma forma, as conversas foram gravadas e devidamente transcritas. Durante o processo de transcrição, buscou-se interferir o mínimo nos relatos obtidos, pois, segundo Marré (1991), o dado oral fornecido pelo entrevistado tem significado em si mesmo, fala por si mesmo; não é possível, por isso, interferir muito no relato oral do pesquisado.

Ao organizar os conteúdos obtidos nos relatos, o autor sugere que não se trabalhe cada história de vida isoladamente, mas que se faça uma reconstrução dos discursos de forma a captar a totalidade das histórias de vida e, conseqüentemente, dos conflitos intrínsecos do grupo social pesquisado, podendo alcançar inclusive um nível de inconsciente coletivo. Assim, na análise dos relatos, foram usadas diferentes técnicas para categorizar as respostas. Primeiramente, por este trabalho estar estruturado na forma de construção teórico-empírica, buscaram-se respostas que exemplificassem pontos importantes descritos no embasamento teórico, realizando cruzamentos entre a teoria e a prática. Em seguida, respostas semelhantes sobre um mesmo tema foram agrupadas assim como respostas diferentes foram postas em contraponto – sempre considerando que existem diferenças cruciais de conceitos entre cegos congênitos e cegos adquiridos. Por fim,

uma terceira organização foi feita para selecionar assuntos que surgiram no decorrer da entrevista, mas que não estavam previstos nos objetivos da pesquisa; apareceram, desta forma, resultados não esperados, porém relevantes.

Por fim, Marré (1991) ainda ressalta que se pode fazer, na técnica de história de vida, uma interpretação da linguagem corporal e dos gestos do entrevistado, mas esse âmbito não cabe à pesquisa em questão pelo fato de os indivíduos com deficiência visual não apresentarem uma expressão corporal muito significativa para fins de análise. Este, inclusive, foi um fator relevante no momento de optar por aplicação das entrevistas mais curtas através do Skype, já que o contato feito pessoalmente não traria um aporte expressivo para a pesquisa em termos de linguagem corporal. A vantagem do contato pessoal, neste caso, veio através das histórias de vida feitas com Bárbara e Pedro, por se tratar de um estudo que compreendia não só as histórias individuais de ambos, mas também a sua vida como casal, sua casa e demais fatores do modo de vida dos dois, juntos.

Em suma, a história de vida apresentou-se como o método mais adequado para responder às indagações propostas por essa pesquisa, visto que, para entender alguns aspectos da construção de representações mentais e da sexualidade em pessoas com deficiência visual, é preciso ir muito além do que se poderia esperar. É necessário que se tenha uma compreensão imensas e profundas de compreensão para a análise daquilo que, recentemente, era considerado como um aspecto secundário e que, na realidade, teria ou poderia ter um fundo muito mais complexo e significativo. (MARRÉ, 1991, p. 125). Contudo, esse aprofundamento não apenas em questões centrais da pesquisa, mas perpassando certas zonas periféricas de análise, é possível estruturar melhor os conceitos e compreender, de forma mais clara, os resultados encontrados.

3 DEFICIÊNCIA VISUAL: PERCEPÇÃO, IMAGENS MENTAIS E SEXUALIDADE

Neste capítulo, trataremos sobre todas as questões que se referem à deficiência visual e que serão úteis para a compreensão da pesquisa empírica. Serão abordados conceitos sobre sexualidade, percepção do mundo e criação de imagens mentais por pessoas com deficiência visual, além da própria definição do referido termo para a comunidade científica. Para tanto, os principais autores usados para apresentar e explicar as temáticas são Maria Lucia Amiralian (1997), que embasará a discussão sobre deficiência visual; Merleau-Ponty (1999) com a sua teoria fenomenológica da percepção; Ormelezi (2000), Honorato e Braviano (2012), cujos estudos estão voltados para a compreensão da formulação de imagens mentais por pessoas com deficiência visual; e, por fim, Maria Alves de Toledo Bruns (2008) e Eliane Porto (2005), duas grandes pesquisadoras da expressão da sexualidade em cegos.

3.1 Concepções acerca da deficiência visual

Segundo definição encontrada no site do Instituto Benjamin Constant, o mais renomado centro de referência em deficiência visual do Brasil, o conceito de deficiência visual ou cegueira está relacionado a uma incapacidade da função visual:

É considerado cego aquele que apresenta desde ausência total de visão até a perda da percepção luminosa. Sua aprendizagem se dará através da integração dos sentidos remanescentes preservados. Terá como principal meio de leitura e escrita o sistema Braille.¹

Porém, níveis de visão subnormal ou parcial também são considerados tipos de cegueira, o que faz com que as definições mais aceitas hoje em dia pela comunidade científica acerca dos níveis de deficiência visual sejam: parcial, que compreende os indivíduos que apenas conseguem contar dedos a uma distância muito próxima, perceber variações de luminosidade e vultos; subnormal, que faz referência aos indivíduos que possuem acuidade visual de 6/60 e 18/60 (escala métrica) e/ou um campo visual entre 20 e 50°; e total ou amaurose, que pressupõe

¹ Fonte: Site do Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=94>>. Acesso em 3 de maio de 2014.

as pessoas com completa perda de visão, ou, de acordo com termos oftalmológicos, “...”. E , g é ã 20/200 de visão no melhor de seus olhos após correção. Isto significa que ele pode ver a 20 pés (6 metros) o que uma pessoa com visão normal é capaz de ver a 200 pés (60 metros).²

A cegueira também pode ser classificada em relação à sua origem, sendo entendida como congênita ou adquirida. Apesar de essa classificação ser aparentemente de fácil entendimento, há muitas discussões acerca do que seria considerado cegueira congênita ou adquirida. Atualmente, a diferenciação fundamental entre os dois conceitos está baseada nos processos de aprendizagem e dos recursos de visualização. Estudos já comprovaram (AMIRALIAN, 1997) que crianças que perderam a visão após os 5 anos de idade possuem um resíduo visual que os torna capazes de visualização. No entanto, não foi constatada a retenção de qualquer imagem visual em indivíduos que se tornaram cegos antes dessa idade, sendo estes, portanto, já considerados cegos congênitos na perspectiva educacional, pois as imagens criadas nesta fase da infância são estáticas e não serão úteis nos processos cognitivos que virão a ser desenvolvidos pelo indivíduo.

Grande parcela do que cremos entender sobre a condição da deficiência visual está baseado em preceitos que nós próprios desenvolvemos acerca das nossas percepções do não ver. Para Maria Lucia Amiralian (1997), muito da concepção popular que se tem hoje em dia sobre o cego é que ele vive em um mundo de trevas, por , , “ g h olhos, acabaram-se as luzes, e com as inúmeras dificuldades físicas, motoras g ã ” (p.22). Segundo a autora, como para nós a perda momentânea da visão acarreta em uma situação perturbadora em que perdemos os referenciais do mundo externo e, por isso, nos sentimos perdidos, somos levados a crer que este é o estado no qual sempre se encontram os cegos.

Assim como qualquer outra deficiência, a cegueira suscita diversas dúvidas e questionamentos: como o cego percebe o mundo à sua volta e como a cegueira influencia sua personalidade? Como cria conceitos de elementos como o Sol, as nuvens, a luz? De que artefatos simbólicos lança mão para entender as cores, a

² Fonte: Site do Instituto Benjamin Constant. Disponível em: <<http://www.ibr.gov.br/?itemid=94>>. Acesso em 3 de maio de 2014.

perspectiva, as imagens? Ou então como concebe seu próprio corpo e de que forma cria e interpreta a sua imagem corporal e a imagem corporal do outro? De fato, poucos estudos foram feitos até então sobre esses apontamentos, apesar de já saber-se que a pessoa com deficiência visual utiliza meios não usuais para apreender o mundo, os objetos e os corpos, assim como opera os processos de significação de forma única e peculiar.

Amiralian (1997) faz uma boa analogia entre particularidades da linguagem e a hegemonia do sentido da visão quanto destaca que nos valem de expressões como *ponto de vista* para elucidar uma ideia; *visão de mundo* para destacar as diferenças culturais; ou então *evidente e sem sombra de dúvida*, formas de expressão que relacionam diretamente a clareza dos juízos com a visão. Com base nisso, fica subentendida em nossa mente a ideia de que o não ver está associado à “ , ê h com perspicácia e profundidade as ” (AMIRALIAN, 1997, p. 24).

Os estudos, mesmo pouco numerosos, com indivíduos com deficiência visual tentam, a cada dia, quebrar esses paradigmas. Porém, percebe-se que ainda existem muitas dúvidas por parte da sociedade acerca do modo de vida de cego e da forma como ele adapta-se a um meio que originalmente não foi pensado para ele. Da mesma forma, é intrigante para os videntes pensar sobre como o cego constrói sua concepção do ambiente, das coisas, das pessoas e de si próprio. Para isso, devemos analisar novamente o processo de apreensão do mundo a partir de uma nova perspectiva, que é o universo particular do cego.

Para a realização do presente trabalho, foram entrevistados indivíduos com deficiência visual total, baixa visão, adquiridos e congênitos, de forma a poder contemplar todas as diferentes percepções de acordo com o tipo de cegueira. Para muitos videntes, cego é apenas o indivíduo com privação total da visão. Entretanto, já vimos que o conceito da cegueira é mais amplo do que se supõe, e cada caso tem suas especificidades, suas singularidades que fazem com que a compreensão de determinados conceitos mude de cego para cego.

3.2 O cego e a percepção do mundo

Nosso principal meio de interação com o mundo é o corpo físico: através dos sentidos, vamos acumulando experiências que nos ajudam a assimilar e a entender

o ambiente em nossa volta por meio de associações simbólicas. A partir disso, vamos construindo nossas identidades, nossos sujeitos sociais. Nesse contexto, conforme desenvolve Ormelezi (2000) sob a égide de Dantas, o corpo tem papel fundamental, seja ele físico ou representacional, pois o ato motor está diretamente relacionado ao ato mental – sendo o aspecto social mediador desse processo. Ormelezi (2000) também cita os estudos de Piaget sobre o assunto, que ressalta que o amadurecimento simbólico do indivíduo se dá de dentro para fora, sendo manifestado primeiramente através do pensamento representativo gerado por meio de suas experiências sensório-motoras.

Em contrapartida a esse pensamento, Merleau-Ponty (1999), através de seu estudo registrado no livro *Fenomenologia da Percepção*, destaca que o corpo já é por si só carregado de sentido, possuindo um saber próprio que não necessariamente antecipa a atividade mental. Além disso, o corpo é perpassado por diversos outros fatores sociais, culturais, linguísticos e históricos, o que, em conjunto, gera a totalidade das experiências humanas. Muito da nossa percepção já está baseada em referências anteriores. Assim, ao nos depararmos com um objeto conhecido, nossa percepção se dirige diretamente à experiência já acumulada, o que às vezes dificulta a apreensão de novas qualidades do objeto. No entanto, Merleau-Ponty (1999, p. 62) destaca que perceber não é recordar, ma “ percepção é uma interpretação dos signos que a sensibilidade fornece conforme os estímulos corporais”.

O autor ainda salienta a importância da corporeidade e dos sentidos para a construção do pensamento. Assim como é através do corpo que percebo e interpreto o mundo, é através do mundo que tenho consciência de meu corpo. Nesse sentido, Merleau-Ponty (1999) discute a ideia do corpo como objeto, que é percebido assim como os demais objetos do mundo, porém possui uma capacidade reflexiva própria. A psicologia clássica afirma que o corpo difere-se dos objetos tradicionais pelo fato que ele é percebido constantemente, enquanto desses outros objetos do mundo é possível afastar-se. Porém, pelo fato de ele não estar diante de nós para podermos observá-lo, ele sempre estará à margem de nossas percepções; ele deixa, portanto, de ser um objeto a ser observado para ser o meio, o instrumento de nossa comunicação com . E , “ percepção exterior e a percepção do corpo próprio variam conjuntamente porque elas são as duas faces de ” (MERLEAU-PONTY,1999, p. 276). Assim, estamos

simultaneamente percebendo o mundo com nosso corpo e reaprendendo o próprio corpo pelo contato deste com o mundo.

A partir dessa dialética entre corpo e linguagem, podemos refletir acerca das diferenças de percepção entre cegos e videntes. A visão, porém, tende a sempre a sobrepor-se aos demais sentidos nesse processo de compreensão do mundo. De acordo com a interpretação feita por Masini (1994) acerca dos estudos de Merleau-Ponty, a visão é considerada o cânone das percepções porque o olhar tem a capacidade de repousar sobre os objetos sem ter de se apropriar deles: não é necessária nenhuma mediação, e os objetos não sofrem nenhuma alteração material com isso, sem contar que a apreensão das informações se dá de forma muito mais completa em um período muito mais curto de tempo.

Para Merleau-Ponty (1999), a percepção do mundo trabalha na dialética entre conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é o conjunto de dados sensoriais que acumulamos e a forma é fornecida pela função simbólica. Nesse sentido, os dois elementos são interdependentes: de nada adianta termos dados sensoriais se não possuímos os referenciais simbólicos para fazer as devidas correlações. Como exemplo, podemos tomar o famoso caso de Shirl Jennings retratado no livro do neurologista Oliver Sacks, *Um Antropologista em Marte*. Shirl perdeu a visão aos 3 anos de idade em decorrência de um série de doenças, vindo a recuperá-la cerca de 40 anos depois. Entretanto, a memória visual de Shirl já havia desaparecido quase por completo a essa época, e ele não era capaz de associar os conceitos ou referenciais simbólicos aos objetos que via, pois sua relação com o mundo até então havia se dado por meio do toque, no cheiro, nos sons e nos sabores.

Apesar de o cego ter criado sentidos próprios para os signos, até mesmo para as cores, o cego operado jamais interpretará o mundo da mesma forma antes e depois da operação para recuperação da visão, destaca Merleau-Ponty (1999) em seu estudo. Mesmo que ele já possua o sentido completo de um objeto, o qual foi formado basicamente pelo uso do tato e da audição, a visão configura-se como uma nova forma de apresentação deste objeto, o que acaba por transfigurá-lo para o cego. Assim, o significado gerado pelos sentidos isoladamente nunca será exatamente transponível de um para o outro, pois cada um equivale a experiências diferentes que dificilmente serão soldadas em uma experiência única (MERLEAU-PONTY, 1999).

Dessa maneira, conforme o autor, não se pode ignorar que a pessoa com deficiência visual possui uma dialética diferente para registrar e interpretar suas experiências, visto que seus dados sensoriais não provêm da visão, mas sim dos demais sentidos. Entretanto, ele possui a capacidade de armazenar dados como qualquer outra pessoa e de criar pontes simbólicas entre dois referenciais. Porto (2005) também discorre nesse sentido, afirmando que queremos que o mundo seja sempre percebido da mesma forma por pessoas diferentes, com experiências de vida e percepções do ambiente diferentes. Isso acontece com o cego, que, apesar de assimilar o mundo de uma forma diferente do vidente, é exigido a conceber o mundo à sua volta do mesmo modo que estes o fazem. Isso é ignorar que, devido a suas condições biológicas e naturais, os cegos não partilham das situações do mesmo modo que os videntes, pois sua essência e sua existência não são iguais (p. 37).

Um exemplo prático e simples deste argumento é o sistema educacional na perspectiva do cego. Muitos deles, ao entrarem em escolas regulares, são sujeitados a adaptarem-se aos métodos de ensino feitos para videntes, sem a consideração de que as suas necessidades e limitações não são as mesmas que uma pessoa que enxerga. Lauro, entrevistado de 23 anos, conta que em função de sua baixa visão sempre precisou ter materiais de estudo muito ampliados, os quais eram desenvolvidos por sua própria família, pois as instituições de ensino não produziam esse tipo de material. Já Pedro, 33 anos, relata que, por muito tempo, foi obrigado a ler como vidente já que tinha um resquício de visão em um dos olhos; esse método, porém, era extremamente demorado e cansativo, o que lhe causava muitas dores de cabeça. Logo, é dever da sociedade fazer com que o cego vá além das instituições para pessoas com deficiência visual e interaja com demais videntes, porém que o faça da sua forma, de acordo com suas condições e possibilidades.

Retomando os estudos de Porto (2005), entende-se que o mundo se apresenta não como objeto do acontecimento, mas sim do pensamento: tudo o que apreendemos do mundo se dá através de nossas experiências com os objetos que se apresentam diante de nós como verdadeiros. Deste modo, somente o cego pode saber como é perceber o mundo ao seu modo, pois os videntes já têm suas referências impregnadas por experiências visuais. Inclusive, de acordo com a autora, isso acaba por tornar a relação dos videntes com o mundo muito superficial e imediatista. Tal afirmação se baseia no fato de que visão nos dá a dimensão total de

um objeto muito mais rápido do que qualquer outro sentido, pois ela tem a característica de estar presente em todas as partes do objeto ao mesmo tempo, de modo a facilitar a apreensão do mundo.

A autora também destaca que vivemos em uma época que reflete um consumo quase escravizado de imagens, principalmente as que são veiculadas pelos meios de comunicação. O mundo atual está embasado, sumariamente, no sentido da visão, tendo em vista a quantidade infinita de imagens com as quais nos deparamos a cada dia seja na televisão, nas revistas, através da publicidade, etc. Desta forma, esse uso abundante de recursos visuais acaba deixando as pessoas com deficiência visual à margem desta sociedade, e, por isso, se constrói um preconceito sustentado pela falta de conhecimento de muitos indivíduos sobre essa condição. A falta de visão gera uma grande limitação àqueles que desejam viver essa cultura das imagens tão difundida atualmente.

Com efeito, não podemos esperar que o indivíduo com deficiência visual perceba o mundo da mesma forma que os videntes o fazem. A limitação do sentido da visão faz com que certas noções, como perspectiva, profundidade, cores, sombras, etc. sejam apreendidas pelo cego de uma forma particular - o que não significa que ele desconheça totalmente esses conceitos já que ele pode criar categorizações próprias para entendê-los. Porto (2005) ainda destaca que o cego se comunica com o mundo de forma inesgotável assim como qualquer outra pessoa;

“ ”, , é ,
conceitos atribuídos pelo exterior, por indivíduos que “veem com os olhos”. Logo, assim como a percepção do cego em relação ao seu entorno tem suas especificidades, a maneira pela qual ele cria imagens e representações mentais segue a mesma lógica perceptiva.

As situações pelas quais o cego passa em um mundo guiado pela lógica vidente vão desde casos curiosos até expressões de preconceito. Cecília conta que, várias vezes, foi enganada em lojas de roupas pelas atendentes que mentiam sobre a cor do produto que ela estava adquirindo. Muitas pessoas também acreditam que a pessoa com deficiência visual é alguém menos inteligente, que não é capaz de desenvolver um diálogo sobre temas mais elaborados. Houve relatos de entrevistados que se sentiram subjugados por videntes nesse sentido, e que só conseguiram transpor essa imagem após um contato mais prolongado. Já outras pessoas tem o impulso de falar com o cego de forma pausada e com um tom de voz

mais alto, como se ele demorasse mais para assimilar a informação. Ou então o indivíduo dirige-se a alguém próximo à pessoa com deficiência visual para fazer perguntas, tratando-o na terceira pessoa, supondo que ele não seja capaz de (. x.: “ *ele* á ?”). Além disso, há muito desconhecimento sobre o dia-a-dia do cego em si: muitos videntes não entendem como eles tomam banho, cozinham, pegam ônibus ou até mesmo transam, muitas vezes gerando constrangimentos para ambas as partes. Clara conta que alguns homens, no momento de se relacionarem-se intimamente com ela, tratavam-na “ *ê*”, s próprias palavras da entrevistada: eles tinham a concepção de que ela não era capaz de fazer nada sozinha, o que, segundo ela, era extremamente irritante.

3.3 A construção de imagens mentais: simbolização e representação

Ao basear-se nos estudos de Piaget, Ormelezi (2000) ressalta que toda imagem mental é engendrada pela atividade perceptiva em conjunção com as experiências sociais. Isso gera um processo de representação e também um processo de resignificação dessas representações criadas pelo fato de o indivíduo estar inserido em um contexto dinâmico que acarreta constantes reinterpretações das situações objetivas e subjetivas. Assim, a natureza das imagens mentais está diretamente ligada às vivências do indivíduo e a sua necessidade de criar relações de significância entre os objetos do mundo e suas representações ou, conforme a teoria semiótica saussuriana, relacionar de alguma forma o significante ao seu significado, a imagem acústica ao seu conceito, criando assim a unidade do signo.

Honorato e Braviano (2012), ao abordarem os conceitos elaborados por Joly, destacam que se deve ter clareza de que o conceito de imagem mental difere da definição de esquema mental. O esquema mental representa um conjunto de traços e referenciais suficientes para o reconhecimento de qualquer forma visual, seja um desenho, seja um objeto. Já a imagem mental se trata de um esquema perceptivo que exige o mínimo de traços visuais possíveis para identificar uma estrutura formal: ou seja, é algo já interiorizado no indivíduo. Assim, entende-se que a imagem mental não está necessariamente fundada em uma percepção visual, mas sim pode ser associada a diversos outros processos perceptivos e cognitivos.

Desta forma, podemos afirmar que indivíduos com deficiência visual são

capazes de produzir imagens e representações mentais, visto que elas são fruto do acúmulo de várias experiências perceptivas que independem da visão. Em seu artigo, Moraes (ano) lança mão dos estudos de Hall e destaca que a construção de representações mentais em crianças deficientes visuais dificilmente será possível se elas não tiverem uma experiência sensorial completa do objeto ou da estrutura em questão. Assim, a compreensão dos conceitos dos objetos será realizada de forma muito mais sistematizada em crianças cegas do que em videntes, mas isso não significa que ela não possa ser tão rica em detalhes quanto àquela da criança que vê. Entretanto, Ormelezi (2000) faz uma ressalva importante ao destacar que ainda não existem muitos estudos a respeito do processo de desenvolvimento da simbolização e da representação em crianças com deficiência visual, o qual ocorre entre dois e quatro anos de idade. As informações disponíveis sobre o assunto apenas ressaltam aquilo que já foi citado anteriormente: que a falta de visão desencadeia um processo de representação mental baseado em outras atividades perceptivas, principalmente aquelas advindas do tato e da audição, além do fato de que essa aquisição simbólica exige experiências sensoriais muito mais aprofundadas para a formação de uma imagem mental com o mesmo nível de especificidade que um vidente pode desenvolver.

Sandra, em sua entrevista, apresenta uma perspectiva geral da formação de imagem sob o viés da cegueira congênita que merece destaque. Ela observa que, muitas vezes, o conceito de formação de imagem é analisado apenas através do paradigma da visão; suas imagens, porém, também existem, mas são criadas pelo paradigma da cegueira:

Nenhum cego de nascença vai assimilar o que é a Lua. É uma imagem muito abstrata: a Lua e o Sol são abstratos, as nuvens são abstratas, as estrelas, etc. Para o cego de nascença não adianta dizer que a nuvem é como algodão. Não é gente, vendo é outra coisa. O céu também: não adianta. As pessoas partem do paradigma da visão, eu estou ligada ao paradigma da cegueira. O cego não vê o todo: ele constrói o todo pelas partes. Então só depois de analisar as partes eu tenho noção do todo.
(RELATO ORAL)

A entrevistada Bárbara, 25 anos e cega desde os 6, também trouxe detalhes muito interessantes acerca da construção dessas representações mentais. Nessa ocasião, Bárbara descreveu como procura criar uma imagem de seu companheiro, que também é deficiente visual:

Outra coisa que prestamos atenção foi no hábito que eu tenho de ficar passando o dedo no rosto do Pedro, contornando os traços, como se estivesse montando aquela imagem mil vezes na minha mente. E as imagens mentais do cego são muito mais cheias de dobras do que de cores. Por exemplo, eu sei como são os contornos de cada partezinha, mas não sei qual é a cor da pele dele. Eu sei qual é, mas não sei como é. Imagina que tu tem um boneco de argila: quando ele tá pronto, tem todas as formas, mas ainda não está pintado, então continua sendo uma massa de uma cor só. (RELATO ORAL)

Percebemos, pelo relato de Bárbara, que há realmente uma necessidade da pessoa com deficiência visual de ter uma experiência sensorial adequada para formar imagens mentais quando ela enfatiza que tem o hábito de ficar analisando tatilmente o rosto do namorado para enriquecer com detalhes sua representação mental.

Ao citar Gibson, Honorato e Braviano (2012) pontuam que esse processo é denominado toque ativo ou digitalização tátil, pois consiste no uso de percepções sensoriais com a intenção de identificação, em uma analogia entre o ato de explorar tatilmente um objeto e a movimentação dos olhos sobre o mesmo para colher todas as informações necessárias à sua concepção e simbolização. O toque ativo é uma das principais formas de a pessoa com deficiência visual conhecer as formas e as características do corpo humano, seja seu, seja do outro. Através dele, ele consegue não apenas criar uma imagem mental relativa à corporeidade, mas também compreender todos os aspectos relativos à concepção do corpo inerentes ao desenvolvimento da sexualidade, o que se perde um pouco no contato pela internet.

Entretanto, através dos demais relatos colhidos observou-se que há uma diferença fundamental na formação do conceito de imagem para cegos congênitos e adquiridos. Ao tratar das perguntas sobre representação mental e formação da imagem do corpo, os cegos congênitos demonstraram não assimilar com clareza o conceito de imagem do qual se estava falando. Alguns, inclusive, relatavam que não g , g “ ”. N - “ g ”, para eles, não possui a mesma significação que para os cegos adquiridos e tampouco para videntes. Há uma lógica muito elementar para diferenciar a imagem de um objeto do objeto em si, que seria o fato de o objeto estar ligado a uma realidade palpável, sólida, e a imagem não. Destaca-se, por exemplo, um trecho do relato de Sandra sobre a formação de imagens menta : “eu não crio a imagem, eu

preciso do elemento concreto. [...] Para um cego, não existe exatamente uma imagem, mas sim uma representação ” (RELATO ORAL).

É relevante também citar que existe um processo muito recorrente em cegos adquiridos que acontece durante adaptação de seus cérebros à condição da cegueira logo após perderem a visão. Bárbara explica bem esse fenômeno:

Logo que eu perdi a visão, eu ficava vendo horas e horas a mesma imagem na minha cabeça, como se meu cérebro estivesse tentando substituir a falta de recepção visual por alguma coisa. Os médicos dizem que é normal. Eu visualizava alguns lugares onde eu já tinha estado, por exemplo, a imagem de um rio. O cérebro não recebe mais estímulos visuais para interpretar, então ele coloca tipo uma substituição, como se eu estivesse realmente vendo aquilo na minha frente. É algo muito estranho, e durou cerca de três ou quatro anos depois que eu perdi a visão. Geralmente era sempre a mesma imagem, mas com tempo ela foi esmaecendo até sumir. Agora é só uma lembrança. (RELATO ORAL)

Assim, essa imagem apresenta-se para o cego não como apenas uma representação mental, mas sim como uma realidade, como se ele estivesse diante daquela cena. Alguns cegos também veem quadrados pretos e brancos ou outros elementos, sendo algo característico de cada pessoa.

3.4 Deficiência, sexualidade e preconceito

O amor e o afeto, assim como o erotismo, não são atributos apenas do olhar. A sexualidade humana é incitada pelos mais diversos estímulos, seja o toque, o cheiro, ou o próprio estímulo gerado pela voz. Entretanto, temos a tendência de priorizar o sentido da visão, que acaba encobrindo os demais e diminuindo as possibilidades de explorar novas experiências a partir do desenvolvimento e do entrelaçamento de outros sentidos. A sexualidade ainda é tratada com certo retraimento por alguns setores da sociedade, e chega a ser quase um tabu quando relacionado a deficientes. Consta-se, pelas manifestações feitas pelos próprios entrevistados, que eles sentem-se julgados primeiramente por sua deficiência para depois serem avaliados seja por seu gênero, preferência sexual, profissão ou qualquer outro aspecto da sociedade civil. Na busca pela desmistificação do corpo e da sexualidade, o cego acaba encarando barreiras sociais construídas por preconceitos e repressões muito maiores do que aquelas impostas aos videntes.

Conforme cita Maria Alves de Toledo Bruns (2008), o descobrir e o

desenvolver da sexualidade pode ser um tanto intimidador para o indivíduo com deficiência visual, pois geralmente é a visão o sentido desencadeador dos primeiros contatos sexuais e que estimula o desejo de aproximação. Além disso, existe a questão da aceitação do corpo, visto que nenhuma deficiência faz parte do padrão estético difundido nos dias de hoje pelos meios de comunicação; muitos consideram, inclusive, que os deficientes são pessoas assexuadas, pois, ao se depararem com a deficiência, enxergam apenas aquilo que é diferente, ofuscando todo o resto.

E “ x ” h .
 F “ h g , é” (RELATO ORAL-
 C), “ g x : , ” (RELATO ORAL-
 Clara), “acho que tem esse lance do ceguinho que não t ” (RELATO ORAL- Lauro)
 marcam fortemente o preconceito do qual padece a pessoa com deficiência visual quando se trata da sua sexualidade. Bárbara pontua muito bem essa questão em seu depoimento:

Eu estava deslocada, em um universo que não me compreendia e não me colocava em igualdade, eu me sentia diferente. A falta da sexualidade é uma privação da expressão daquilo que há de mais relevante no nosso organismo: toda mulher necessita sentir-se mulher, e todo homem também. Isso dói pra caramba, ver que as pessoas não te consideram uma mulher e sim uma coisa qualquer sem sexo. (RELATO ORAL)

De acordo com ela, sua adolescência foi uma fase marcada pela frustração de descobrir-se fora do padrão sexual esperado de meninas da sua idade. Para isso, Bárbara conta que iniciou um relacionamento amoroso com outra pessoa com deficiência visual para, acima de tudo, afirmar-se como mulher e estar dentro dos “ ã ” . A
 educação sexual, pois a sua cegueira foi o catalisador de um processo que acabou tornando-se uma superproteção e a impediu de desenvolver um diálogo em relação a esse tema no seio familiar. Por isso, Bárbara teve que buscar a informação por conta, através de livros e apoio médico, pois sua família tinha o receio de que ela fosse humilhada, enganada em algum sentido e preferiam não tocar no assunto.

Esse sentimento vivenciado pela família de Bárbara no que diz respeito à possibilidade de ela passar por situações constrangedoras em função de sua condição reflete o paradigma social que existe em relação aos deficientes citado por Bruns (2008), no sentido de que o indivíduo que não atende a um padrão pré-

à é “ ”

automaticamente excluído ou privado de experiências supostamente reservadas às “ ”. E g , , fazendo com que o próprio deficiente tenha uma atitude depreciativa em relação à própria sexualidade, o que é fortemente observado em adolescentes na fase da descoberta sexual.

Esta questão da família ainda foi recorrente em mais relatos durante o processo de pesquisa. Segundo os entrevistados, a família sente muita vergonha e receio de apresentar o filho deficiente à sociedade, provocando no indivíduo uma situação de desconforto no indivíduo que muitas vezes ele sequer tinha. Pedro relata bem esta questão:

Até hoje, quando estou andando com a minha mãe, ela manda fechar a bengala porque ela não gosta de mostrar que sou deficiente. Elas não gostam de mostrar à sociedade que tem um filho deficiente, só querem mostrar o filho perfeito, inteligente. Elas tentam negar a cegueira até pra gente, deficientes. Isso de ter que conviver com a negação da nossa personalidade, da forma como a gente é, acaba gerando um conflito interno muito grande. (RELATO ORAL)

Da mesma forma, Clara admite que a família a sufocou muito, o que inclusive a levou a terminar um noivado pela pressão que sofria tanto dos pais como dos irmãos e outros membros da família. Para eles, o namorado da filha, que era baixa visão, estava apenas querendo aproveitar-se da garota. Ainda, Clara conta que se sentiu humilhada pelo fato de outras mulheres da família se insinuarem para seu , : “ , fato de elas enxergarem as tornasse ” (RELATO ORAL).

A sensação de rebaixamento sentida por Clara diante das outras mulheres de suas famílias traduz uma lógica relativa ao corpo que está atrelada ao imaginário da sociedade atual. Porto (2005) discorre sobre esse ponto dos padrões socialmente impostos ao afirmar que os meios de comunicação em massa criam novos usos e expectativas em relação ao corpo, fazendo com que este se remodele constantemente e passe a ter seu valor de troca atrelado a seu valor de uso. Segundo a autora, somos motivados a consumir determinados bens de consumo do mercado que alimentam nossas expectativas em relação ao corpo belo, saudável e sexualmente interessante. Temos a ideia do corpo-objeto fortemente arraigada em nossas estruturas sociais, consumindo diariamente imagens de grande apelo sexual que se caracterizam sumariamente por sua rapidez e impessoalidade.

Assim, conforme Bruns (2008), como a pessoa com deficiência visual não reflete os padrões de virilidade, feminilidade, beleza e sedução veiculados pelos meios de comunicação – j , “ g ” - , ele é levado a sentir-se sexualmente desinteressante. Da mesma forma, o modo através do qual nos relacionamos com a deficiência – não só visual – tende a admitir uma série de preconceitos e estigmas que vão sendo adquiridos e/ou re-significados no decorrer do processo histórico. São esses paradigmas arcaicos em relação à deficiência que continuam alimentando os preconceitos em relação a esses indivíduos e, em relação à sexualidade, fazendo com que eles próprios internalizem esses estigmas e os façam constitutivos de suas identidades. Isso é corroborado por Foreman, citado por Bruns (2008), quando diz que as segregações e concepções sociais advindas da cegueira influenciam muito mais a formação da identidade social e a própria sexualidade de deficiente visual do que as limitações impostas pela cegueira em si.

A própria formação da imagem corporal do cego está, muitas vezes, mais relacionada àquilo que lhe é dito por pessoas próximas a ele do que por reflexão própria. Em uma abordagem diferenciada, Pierce e Wardle, ao serem citados por A D (2008), g “ g ” indivíduo dos exigentes valores relacionados à aparência física na sociedade. Desta forma, ele acaba por ter uma autoestima elevada em relação ao seu corpo em função de sua percepção não estar impregnada com essas aceções sociais. Da mesma forma e contrário ao padrão de beleza vigente hoje em dia, esses autores afirmam que crianças cegas com baixo peso têm um nível de autoestima menor quando comparado a crianças de peso elevado, pois, segundo seus estudos, a criança cega tende a associar o corpo grande e robusto a uma maior quantidade de informações sensoriais que podem ser recebidas e, portanto, a uma concepção mais elaborada do mundo.

Esse ponto de vista pode ser posto em cheque quando se constata, a partir da pesquisa realizada, que o cego, na verdade, tende a ser inseguro em relação a sua imagem corporal justamente por não saber se atende ao padrão vigente. No caso, são duas formas distintas de encarar a mesma situação, então não é possível afirmar que esta constatação é absoluta a toda pessoa com deficiência visual. Ademais, a ideia de que um corpo forte e grande é preferível pelos deficientes no sentido de que acaba traduzindo-se em um maior número de experiências sensoriais é limitante ao sentido do tato, sendo que o cego lança mão também do olfato,

paladar e, principalmente, audição para identificar o ambiente e os objetos. Apesar de a pessoa com deficiência visual ligar-se muito mais à personalidade em geral do que à sua aparência física, alguns deles demonstraram levarem em consideração a opinião de videntes sobre si e sobre outras pessoas que poderiam interessar-lhes no que diz respeito à aparência. De certa forma, eles podem sofrer influência dos padrões de beleza de forma indireta pelos videntes, o que indica que, mesmo que eles não estejam constantemente em contato com essas imagens do que é socialmente aceito como belo, o meio já faz com que esses estereótipos cheguem até eles mesmo que de forma menos acentuada.

Contatou-se também uma diferença marcante no que diz respeito ao desenvolvimento da sexualidade e ao preconceito sofrido por homens e mulheres deficientes. De forma geral, as mulheres entrevistadas relataram sofrer preconceito tanto da família como de homens videntes e, surpreendentemente, também de homens cegos. De acordo com elas, o homem vidente tem receio em relacionar-se com a mulher que não enxerga por medo de passar do status de parceiro para cuidador, enquanto o homem cego se sente mais valorizado ao namorar uma mulher que vê, o que aumenta sua autoestima. Além disso, existe toda uma repressão sexual que historicamente já coloca a mulher em um contexto cheio de proibições e julgamentos apenas pela sua condição de mulher. Isso recai com força sobre a mulher deficiente visual, pois ela acaba sofrendo dois tipos de preconceito que, juntos, se potencializam: por ser mulher e por ser cega. Assim, a proteção da família é exacerbada e a sua sexualidade é extremamente reprimida, o que acaba fazendo com que muitas mulheres cegas tenham sua primeira experiência sexual tardiamente, algumas com mais de vinte anos de idade.

Já em relação ao homem cego, o que se observou é que eles não costumam ter problemas relacionados ao preconceito pela cegueira no momento de iniciarem um relacionamento com mulheres videntes - alguns, inclusive, são bastante ativos sexualmente. No entanto, percebe-se que certos problemas relacionados à falta de visão podem aparecer posteriormente, quando ele já está em um relacionamento sério. Nesse momento, muitas mulheres se deparam com a questão do preconceito da sociedade ou passam a sentir falta de certas situações que a pessoa com deficiência visual não pode proporcionar a ela, o que culmina no fim da relação. Em sua história de vida, Pedro resume bem essa relação entre gênero e preconceito:

A mulher cega passa pela dificuldade do homem de se aproximar, quebrar a barreira da cegueira. Mas depois que o homem vê que o relacionamento com ela é como com as outras, esse preconceito some. Já o homem parece que passa por esse problema posteriormente, pois a mulher quando está procurando um homem para namorar se atém menos ao visual que à personalidade. Só que depois ela vai se bater com a diferença ou com o que a sociedade cobra dela, pois ela teria que estar com um cara que representa tudo aquilo que é adequado em um homem, e não com um deficiente. (RELATO ORAL)

A maioria dos entrevistados já se relacionou ao menos uma vez com videntes, permitindo à pesquisa conhecer as diferenças do relacionamento com cegos e com videntes. De forma geral, os entrevistados afirmaram que é mais fácil iniciar o relacionamento com um vidente de duas formas: pela internet ou quando eles se colocam em uma situação de evidência. Sandra, por exemplo, é cantora, e contou que os homens videntes se aproximavam com mais frequência dela após suas apresentações. Já Pedro sempre procurou desenvolver atividades que o colocassem em destaque, e isso foi fundamental para que ele se aproximasse de meninas que enxergavam. A questão essencial aqui é que quanto mais o cego demonstra que é capaz de desenvolver as mesmas atividades que os videntes e sai de um contexto de limitação para demonstrar autonomia e identidade própria, as pessoas passam a dirigir-se a ele de forma mais igualitária.

As asserções sobre a sexualidade do cego e a percepção de seu próprio corpo ainda são baseadas em estudos difusos e pouco aprofundados. É por isso que esse assunto, por falta de conhecimento público, continua sendo perpassado pela repressão e pela hipocrisia de um imaginário coletivo que associa o cego a alguém desinteressante e assexuado. Muito disso, no entanto, vem da forma estigmatizadora como encaramos as questões relacionadas à sexualidade em si. Talvez seja necessário rever nossos próprios preconceitos e tabus em relação a nossa própria sexualidade para podermos, assim, entender o comportamento da sociedade em relação à sexualidade do cego.

4 CORPOREIDADE, TECNOLOGIA E DEFICIÊNCIA: APROXIMAÇÕES

Neste capítulo, serão abordados conceitos relativos às novas formas de construção de interpretação do corpo e da corporeidade, principalmente no que diz respeito ao entrecruzamento deste com as novas tecnologias e a socialidade virtual para poder entender e analisar como é construída a representação mental do corpo em pessoas com deficiência visual que operam suas identidades nas redes. Para isso, os principais autores usados serão Jean-Jacques Wunemburger (2006) e David Le Breton (2006 e 2012), que discutem o conceito de corpo e sua passagem de uma estrutura imutável para um organismo plástico assim como a forma pela qual a dimensão sociocultural opera transformações simbólicas no corpo; Merleau-Ponty (1999) e o estudo da relação entre o corpo e o mundo; e Lucia Santaella (2004 e 2007), que cria um debate em torno da corporeidade e das novas tecnologias, “ -h ”.

4.1 O corpo revisitado: uma nova ordem simbólica

A existência é, acima de qualquer coisa, corporal, pois é através do corpo que construímos uma relação com o mundo (LE BRETON, 2006). Seja de forma direta ou indireta, como emissor ou como receptor, o corpo está constantemente produzindo sentido e, desta forma, inserindo o indivíduo em um contexto social e cultural. Apesar disso, vivemos uma era do individualismo e do desarraigamento social que faz com que, em muitos casos, o indivíduo, embora sendo parte de um grupo cultural, tente se desfazer de seus vínculos identitários bem como de suas bases corporais e de gênero.

O indivíduo deixa de ser delimitado e definido identitariamente pelo corpo, usufruindo deste como campo de ações simbólicas e de constante reinvenção, remanejamento e revogação da identidade, bem como de criação de personagens. Tanto corpo como identidade tornam-se obsoletos, tornando-se meios de narrativas pessoais, o que é fortemente sustentado pelas novas tecnologias. Fala-se então, tanto por Le Breton (2006) quanto por Santaella (2004), de um novo conceito de corpo, que tanto pode ser fruto da simbiose real entre o biológico e o maquínico como uma construção polimórfica e mutável que nasce e se cria no ciberespaço em si – o corpo virtual.

Tido sempre como uma estrutura imutável e essencialmente biológica, o corpo apenas começou a ser questionado a partir do século XVII, quando René Descartes postulou que os indivíduos são formados pelo amálgama entre corpo e mente. Com isso, foram iniciadas discussões e problematizações acerca do conceito de corpo, que, além de ser estudado pelo viés fisiológico, também passou a ser objeto de interesse da filosofia. Atualmente, sua concepção é problemática e confusa, pois ele é fruto de uma simbiose com diversas outras dimensões da realidade humana, provocando constantes ressignificações e reinterpretações quanto à sua construção. A partir dessa nova forma de significar o corpo, surge, através dos estudos da fenomenologia, o conceito de corporeidade. Quem nos dá uma boa definição do termo é Polak. Segundo a autora, corporeidade é:

Mais que a materialidade do corpo, que o somatório de suas partes, é o contido em todas as dimensões humanas; não é algo objetivo, pronto e acabado, mas processo contínuo de redefinições; é o resgate do corpo; é o deixar fluir, falar, viver, escutar, permitir ao corpo ser o ator principal, é vê-lo em sua dimensão realmente humana. Corporeidade é o existir, é a minha, a sua, é a nossa história. (POLAK, 1997, p. 37)

Seguindo nessa linha de análise, para Jean Jacques Wunemberger (2006) o corpo é, acima de tudo, uma realidade objetiva composta de um conjunto de elementos biológicos, mas que também envolve uma relação subjetiva e íntima que o indivíduo constrói com si próprio, a qual é perpassada por diversas representações e atribuições simbólicas que acabam modificando-o estruturalmente. Somos constantemente levados a crer que o corpo limita-se àquela estrutura psicoquímica e biológica que vemos aos nos despirmos; nós próprios, no entanto, já atribuímos outros sentidos e modificamos esse corpo no simples ato de escolhermos nossas roupas. A roupa, segundo o autor, mais do que apenas cobrir o corpo confere-lhe uma significação e um sentido. Faz assumir um papel, uma hierarquia. A roupa insere o corpo em um universo humano, de crenças, da mesma forma que o fazem as tatuagens, os cortes de cabelo e as tantas outras mudanças corporais que a criatividade humana é capaz de imaginar. Tanto que, entre os entrevistados, constatou-se uma preocupação no momento de escolher o que vestir: eles preferem fazê-lo da forma mais autônoma possível, levando em consideração os seus gostos e preferências.

Desta forma, o corpo não é mais um elemento determinado e imutável, um material meramente fisiológico, pois ele passa a ser algo que pode ser instrumentalizado, desconstruído e reconstituído criando novos significados, sendo seu modelo absoluto praticamente desconsiderado. Os princípios filosóficos passam por uma revolução, mas, em contrapartida, as interpretações sobre o corpo acabam ficando empobrecidas.

Já de acordo com os estudos de Lucia Santaella (2004), o corpo é um sintoma da cultura, pois ele é uma tríade formada pelo corpo fisiológico, o corpo g , e o corpo j . O “ ”, , é j identidades fragmentadas com uma imagem corporal, sendo uma construção imaginária. Para a autora, o corpo emana de todos os lugares, estando obsessivamente onipresente justamente pelo fato de ser um fenômeno que surge das manifestações culturais. Diferentemente de outros animais, o ser humano, além de possuir um corpo biológico que cresce, se modifica, sente dor e sofre as mudanças do tempo, possui um corpo atravessado pelas construções simbólicas da cultura, o que acaba transformando o que seria um objeto em uma abstração. Nessa rede simbólica, o corpo é aparelhado pela linguagem; é por isso, pelo simples fato de que o ser humano é um animal que se comunica através de signos, que avançamos da estrutura físico-biológica para uma estrutura psíquica que também constrói o corpo.

A própria representação mental do corpo para indivíduos com deficiência visual não é construída com base apenas por elementos físicos. Uma descoberta interessante que surgiu da pesquisa empírica é o fato que existem outros elementos além do corpo físico que ajudam a moldar essa imagem do indivíduo, como a voz e a personalidade. A questão da voz apareceu em alguns relatos como um elemento usado por cegos para formar a imagem mental de outras pessoas; alguns, inclusive, declararam conhecer outros cegos que afirmam conseguir distinguir se a pessoa é negra ou branca apenas pelo timbre da voz. Porém, a personalidade foi citada mais vezes como fator significativo para estruturar imagens físicas mentais, como declara R : “ ndo estou com uma garota, eu levo em consideração os traços de beleza mais em função da personalidade. Eu crio o perfil dela com um peso bem forte na questão da personalidade” (RELATO ORAL).

Apesar de não ser uma opinião unânime entre os entrevistados, para alguns pessoas simpáticas com personalidades mais alegres geravam uma imagem mental

de alguém belo, enquanto indivíduos grosseiros e com falhas de caráter provocavam a representação de alguém feio fisicamente. Já Bárbara afirma conseguir formar imagens mais claras e nítidas de pessoas que são mais abertas e espontâneas, com personalidades mais fortes. Por sua vez, pessoas apáticas, sem traços marcantes e inibidas provocam nela a criação de uma imagem mais difusa, apagada, pois ela

“
e
” (RELATO ORAL).

Sendo assim, o corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si: ele nunca está compreendido em seu estado natural, pois é constantemente perpassado por uma trama social de sentidos. Essa é a ideia central de David Le Breton (2006) em seus estudos sobre o tema, que acabam corroborando a linha de pensamento apresentada por Wunemberger (2006) e Santaella (2004). Os três autores concordam que, diante dos diversos modelos através dos quais o corpo é apresentado atualmente, é preciso compreender a corporeidade enquanto estrutura simbólica e analisar todas suas representações e o imaginário criado em torno de si. Essa concepção está plenamente alinhada com o momento que vivemos atualmente, pois a ideia primordial e antiga do corpo já não se encaixa mais no fenômeno que vemos surgir em relação a ele, principalmente em função das novas tecnologias e dessa fragmentação da identidade pós-moderna.

Le Breton (2006) discute também com bastante ênfase a questão da influência do círculo social na concepção do corpo. Em *A Sociologia do Corpo*, o autor destaca que o corpo é percebido de maneiras diversas de acordo com as diferentes sociedades. No caso, ele está ligado diretamente a uma estrutura social e cultural, pois é evidenciado constantemente por sistemas de conhecimento, símbolos e ritos que variam de acordo com o contexto social no qual se encontra. Assim, as representações do corpo são, na verdade, representações do homem, pois tais representações estão sempre ligadas a uma comunidade humana

‘ , , , . E , “o corpo não é somente uma coleção de corpos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção
” (LE BRETON, 2006, p. 29).

O autor ainda pondera sobre a forma como são configurados os sentidos humanos: para ele, os sentidos não dependem apenas de fatores fisiológicos, mas sim sociais. Desta forma, é possível que o indivíduo emita alguns sinais corporais de

forma não consciente, mas isso não significa que eles sejam manifestações totalmente desvinculadas de uma dimensão social e cultural. Ao citar George Simmel, Le Breton (2006) enfatiza que o corpo opera trocas de sensação com o mundo e que cada sentido é responsável por uma percepção particular que fornece informações específicas para a construção de relações sociais e da existência coletiva. Logo, todas as percepções sensoriais que o corpo é capaz de receber estão diretamente ligadas a um pertencimento social e a uma esfera cultural na qual se encontra cada indivíduo. Isso significa que as comunidades humanas possuem “repertório sen” (LE BRETON, 2006).

Alguns ritos com o corpo se diferenciam do padrão em se tratando de indivíduos com deficiência visual. Ao comer, por exemplo, muitos têm dificuldade em usar os talheres, usando pelo menos uma mão livre para sentir a comida. Algumas pessoas inclusive acreditam que os cegos dormem de olhos abertos, o que é absolutamente equivocado já que a condição de não enxergar não tem relação com a ideia de estar no escuro na perspectiva da cegueira. Já em uma conversa em grupo, é muito importante para o cego que o interlocutor indique que está se dirigindo a ele ou chamando-o pelo nome ou tocando-lhe o ombro ou a mão, pois senão ele pode ficar desorientado. Outro fato curioso que surgiu da pesquisa é que, da mesma forma como muitos videntes sonham estar voando em uma alusão à liberdade, o cego sonha estar correndo, livre da bengala ou de um guia.

O próprio lar do cego está construído sob uma lógica particular. Ao visitar a casa de Bárbara e Pedro, algumas questões interessantes puderam ser analisadas: o ambiente é bastante minimalista, com poucos adereços nas paredes. Indivíduos com deficiência visual preferem objetos de decoração que sejam palpáveis, e não quadros (apenas de forem em alto relevo). Geralmente, eles ficam no escuro se tiverem deficiência visual total, apenas acendendo as luzes se há visita em casa. O mesmo passa com espelhos: lares de cegos totais possuem poucos espelhos apenas para visitas, ou então sequer há. Por vezes, também é possível ver objetos perdidos pelo chão, que caíram e não foram percebidos. Sobre eletrodomésticos, o essencial é que eles sejam o mais simples possível, preferencialmente com botões analógicos e não digitais.

Wunemberger (2006) destaca que cada sociedade possui como característica cultural um conjunto de ritos e mitos que formam um imaginário e uma cultura do corpo. Isso pode ser observado em certas manifestações, como por exemplo o uso

de artefatos, pinturas, tatuagens roupas, dentre outros, que agregam valor ao corpo e o modificam em uma determinada instância simbólica. Sendo assim, chega-se a um ponto em que o corpo real é transformado na busca de outro corpo, previamente imaginado e ressignificado. Entretanto, apesar das modificações que presenciamos acerca das relações do indivíduo com o corpo, ainda existem diversas hesitações no sentido de operar uma verdadeira transformação do corpo através de suas imagens, e continuamos presos à mazela da fragilidade e mortalidade do corpo biológico. Assim, corpo físico, orgânico, determinado pelo tempo e pela morte, vem sendo substituído pelo corpo eterno, mutável e plástico, que é o corpo virtual:

Nossa experiência do corpo efetivo oscila, pois, entre um corpo real acessível ao olhar da ciência e à sua manipulação e um corpo virtual feito de possíveis de devaneios, de fantasias, de irrealidade que o podem esvaziar, expandir, duplicar, mascarar, ou mesmo fazê-lo desaparecer paulatinamente, reduzi-lo a nada em sua própria vida (WUNEMBURGER, 2006, p. 194)

Já para Merleau-Ponty (1999), o corpo assume uma postura ativa em relação ao mundo, não sendo apenas receptáculo, mas também se comunicando com o seu entorno. O autor destaca que o corpo é a própria existência do indivíduo – que está de acordo inclusive com a argumentação de Le Breton (2006) quando, já citado anteriormente, o autor afirma que a existência é corporal – e que a relação do indivíduo com o mundo é de caráter dialético, pois ao mesmo tempo em que o corpo em si consiste em um conjunto de significações geradas pela sua existência, ele também produz uma série de novas significações enquanto estabelecido no mundo. O corpo não é simplesmente resultado de seu ambiente, mas também atua de forma intencional no contexto em que se situa, percebendo e sendo percebido a todo o momento.

Ist , “ ” “ ” ,
 que é justamente esse corpo que tanto experiência como constrói o mundo. Conceito fruto dos estudos do autor sobre a percepção e a ideia de que o indivíduo é o corpo e também está no mundo através deste corpo, o corpo vivente é a expressão de todas as experiências vividas pelo homem em sua existência física, e também constrói essa existência através de novas significações no que pode ser classificado como uma relação dicotômica entre corpo e mundo. Logo, o mundo acaba tornando-se um ambiente corporificado, pois ele seria uma projeção do que

nós somos.

Merleau-Ponty (1999), como os demais autores apresentados, também discute o caráter intrínseco que o corpo possui com o meio social. Segundo o autor, o corpo constrói-se sumariamente na alteridade. Nesse caso a nossa identidade seria formada no encontro com o outro, nas experiências interpessoais, no ato de perceber e ser percebido, de tocar e ser tocado, além de todos os demais contatos sensoriais que o indivíduo pode estabelecer e que constituem os parâmetros da percepção.

4.2 O corpo na era da informação

Vivemos em um tempo onde a socialidade passou a ser fortemente virtual e a comunicação, conseqüentemente, tende a ser modificada nesse novo ambiente. Do contato face a face para o virtual, mudanças consideráveis podem ser assinaladas no que diz respeito às formas de interagir. No entanto, isso não sugere que não exista uma construção corporal, que pode ser chamada de corporeidade, no meio virtual. É por isso que já não podemos interpretar o corpo da mesma forma que fazíamos até antes do surgimento dessas tecnologias: agora, mais do que um organismo puramente orgânico, ele passa a ser uma construção simbólica que envolve mais de uma instância.

Desta forma, com o extensivo uso das redes on-line e a conseqüente virtualização das vidas e das relações sociais, observa-se um fenômeno tanto de descorporificação e recorporificação propiciado por essas tecnologias virtuais, o que põe em cheque nossas concepções sobre os limites corporais e a forma como compomos nossas identidades (SANTAELLA, 2007). Logo, o corpo pode ser reinterpretado infinitamente, e suas fronteiras antes fortemente delimitadas pelo biológico e também pela própria cultura agora não possuem limites claros pela sua capacidade de renovar-se constantemente. Assim, conforme afirma Santaella (2007), o corpo deixa de ser encarado como uma estrutura homogênea para tornar-se uma espécie de mosaico cujas estruturas são flexíveis e voláteis. Esse corpo orgânico acaba sendo desdobrado em infinitas projeções virtuais, se comunicando com diversos ambientes e tornando-se permeável a eles, o que abala suas estruturas tidas como consolidadas: o corpo agora é vivo, polimórfico, plástico e constantemente transfigurado.

Para os entrevistados, a comunicação virtual lhes permite estabelecer com o mundo um contato que o corpo físico nunca permitiu. A internet é uma porta de entrada para esse mundo, e ali o indivíduo com deficiência visual recria seu corpo a partir do momento em que assume uma identidade biocibernética e passa a namorar, fazer amigos, estudar, fazer compras, etc. Há relatos de alguns entrevistados que se sentiram tão introduzidos nessa realidade virtual que perceberam estarem criando uma vida mais estruturada ali dentro do que no mundo off-line; alguns, em função disso, decidiram se afastar um pouco das redes. De acordo com Bárbara,

A tecnologia te abre um mundo tão grande (o qual na vida real tu pode ter mais dificuldade de acessar em função de muitas coisas não estarem adaptadas ou pelo próprio preconceito) que o virtual acaba se tornando algo completamente tentador. (RELATO ORAL)

Alguns autores, no entanto, sugerem que o corpo está ausente nessas relações virtuais. Conforme cita Renata Francisco Baldanza (2006), em seu artigo intitulado *A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e socialidade em espaço virtual*, o corpo físico está ausente na comunicação virtual. Segundo ela, as novas tecnologias causaram um afastamento do corpo dos processos comunicacionais, pois a comunicação depende menos dele do que no contato presencial. Isso favorece a exploração de uma série de novas identidades, quando não se opta primeiramente pelo anonimato. Deste modo, essa não obrigatoriedade da presença do corpo nas interações virtuais traz vantagens e desvantagens para a construção das relações sociais.

Para Baldanza (2006), um ponto fraco nesse tipo de interação é a inexistência de expressões corporais, tão relevantes ao expressar emoções no momento do contato face a face. Quando alinhamos esse pensamento com a comunicação face-a-face entre cegos, no entanto, vemos que ali as expressões corporais, que podem ser tanto inexistentes como involuntárias, são fator absolutamente ignorado no fluxo comunicativo. Já no ciberespaço, o cego tem toda a liberdade de comunicar essas expressões de forma muito mais fácil: nesse meio, ele lança mão dos chamados *emoticons* ou *smiles*, que são representações de diversas expressões faciais que exprimem sentimentos e que podem ser lidas pelos leitores de tela. Através disso, ele consegue reproduzir sentimentos de forma muito mais fácil que na interação face-a-face, pois a pessoa com deficiência visual, de forma geral, apresenta uma

grande dificuldade em reproduzir voluntariamente expressões de raiva, descaso, dor, amor, vergonha, dentre outros. Assim, não é possível dizer que as expressões corporais estejam totalmente ausentes no ciberespaço, apesar de que é fato que nesse meio elas não sejam tão ricas quanto no contato presencial e sejam operadas pela forma de representação.

Na continuidade de seu estudo, Baldanza (2006) ainda diferencia o corpo “ ”, é outro. Segundo ela, nas redes observamos a criação de um corpo desmaterializado, que cria diversas identidades, podendo criar diferentes personagens que, por vezes, não são passíveis de serem assumidas no meio social e cultural existente fora do ciberespaço. Entretanto, a autora aparentemente se contradiz em alguns trechos, pois ora ressalta veemente a ausência do corpo nas interações sociais, ora afirma que o corpo está sim presente nos processos comunicacionais, apesar do caráter desmaterializado que os ambientes virtuais possuem.

Visto que o corpo já não é mais encarado como uma estrutura meramente fisiológica, mas sim é uma construção simbólica, é de certa forma muito determinista dizer que ele está ausente no meio virtual, pois o que se cria nesses espaços – o chamado corpo virtual – x h “ ” e as tecnologias da informação. O caráter desmaterializado do ambiente não supõe necessariamente a ausência do corpo, visto que muitos elementos que o constituem vão além do físico para adentrar as barreiras do simbólico e do imaginário. Logo, embora muitas asserções feitas por Baldanza (2006) sejam pertinentes ao estudo da corporeidade virtual, a autora delimita fronteiras muito específicas entre o que ela mesma classifica como corpo virtual e real, apesar de que, na verdade, o fenômeno da corporeidade observado não diferencia uma coisa e outra, mas sim se constitui na simbiose entre ambos.

Isto posto, retomam-se aqui os estudos de Santaella (2004), que traz o conceito de corpo biocibernético, o qual justamente não se constrói à parte do corpo biológico, mas sim “transita pelos ambientes hipertexto do universo digital” (p. 5). Este corpo é fenomenológico, sintoma de uma contemporaneidade onde são criadas interfaces entre o corpo e as tecnologias, possibilitando ao homem modificar, polimorfizar ou então estender suas capacidades para muito além da realidade material. Segundo ela,

Todas as artes das redes são artes do corpo, pois, tão logo nos conectamos no computador, mudanças radicais ocorrem nas relações entre corpo e mente, em especial nas sincronizações entre a percepção, a mentalização e a reação instantânea presente no toque do mouse na extremidade dos dedos. (SANTAELLA, 2007, p. 6)

Conforme a própria autora sustenta, existem três formas básicas de associação entre o corpo e as tecnologias virtuais, gerando este híbrido que é o corpo biocibernético. A primeira delas faz menção às conexões estabelecidas entre os indivíduos e as redes através de aparatos e serviços informáticos, como computadores, *smartphones*, *tablets*, etc. em ambiente que pode ser classificado como realidade virtual. Já a segunda relaciona-se às modificações impostas ao corpo através de técnicas como tatuagem, escarificação, plásticas, *body building*, dentre outros. Por fim, a terceira forma de interação refere-se à correção de problemas físicos ou a potencialização de habilidades através do uso de próteses e implantes. Percebe-se que essas ideias são abordadas por outros autores, tendo basicamente a mesma essência, mas conceituações diferentes.

No contexto da deficiência, esses amálgamas entre corpo e tecnologia vêm surgindo para facilitar o acesso de cegos a um mundo pensado para os videntes. Por exemplo, recentemente foi divulgado que pesquisadores do MIT (instituto de Tecnologia de Massachusetts) estão trabalhando em uma espécie de anel inteligente que ajudaria a pessoa com deficiência visual a ler textos em tinta (pela *FingerReader*, x à “ ”, enquanto o Braille é uma forma de escrita em relevo). O *FingerReader*, como é chamado, possui uma câmera acoplada e softwares *open source* que reproduzem textos em voz alta apenas percorrendo o dedo sobre o escrito. Esse é um exemplo perfeito de como as tecnologias podem estender as capacidades do corpo, além de possibilitarem a realização de funções que para as quais a estrutura biológica não está apta.³

No entanto, segundo Le Breton (2012), atualmente há uma desconfiança em relação ao corpo, como se ele fosse um peso morto que impedisse o triunfo das tecnologias da informação. É nesse contexto que surgem as ideias de hibridação corpo *versus* máquina e o conceito do *cyborg*. Através das tecnologias da informação, vemos a invenção de uma humanidade modificada, sem fronteiras entre

³ Fonte: Yahoo Notícias. Disponível em: < https://br.noticias.yahoo.com/blogs/charles_nisz/pesquisadores-mit-desenvolvem-anel-que-l%C3%AA-textos-para-034023909.html>. Acesso em 30 de maio de 2014.

o biológico e o maquinístico, o natural e o artificial. A cibercultura liberta o indivíduo de seu arraigamento com a identidade e com o corpo, permitindo-lhe explorar novas identidades virtuais. O corpo não passa de uma ligação do indivíduo com a realidade, não sendo mais o lugar irredutível da identidade (LE BRETON, 2012).

De acordo com definição dada por Kroker, citado por Lemos (2002), com as novas tecnologias digitais o corpo avança para sua construção pós-moderna, sendo metade carne, metade ciberespaço. O corpo é múltiplo, superfície de diversas escritas, sendo considerado sistema de processamento de informação e passando por um processo de obsolescência, reestruturação e virtualização (LEMOS, 2002); define-se, assim, o corpo hipertexto. O corpo hipertexto é representado pelas multipersonalidades encontradas nas efervescentes comunidades virtuais. Ali, questões de gênero, identidade, sexualidade e corpo são levados para além de suas fronteiras. Enquanto na vida real, o corpo físico é um grande determinador da identidade e das formas de socialidade, no ciberespaço existe uma ambiguidade da identidade, pois sexo, raça, classe, gênero, dentre outras características humanas, não se apresentam claramente e muito menos determinam as formas de interação (LEMOS, 2002).

Ao citar Maffesoli, Lemos (2002) também pontua que, no ciberespaço, não existem identidades, mas sim identificações. O sujeito é livre para jogar com identidades e comportamentos, criando um senso identitário ao mesmo tempo descentralizado e múltiplo. Em coordenação com essas ideias, Le Breton (2012) cita que, no universo virtual, não há limites para a criação de inúmeros outros corpos virtuais, livres da noção de identidade que se vincula ao corpo real. Com a possibilidade de assumir a todo o momento novos gêneros, profissões, idades e nomes, o corpo não passa de um ponto de ligação com a realidade o qual pode ser livremente modificado virtualmente. Apesar disso, dentre os entrevistados não se percebeu a adoção de outras identidades alternativas na rede, no sentido de transpor a ideia de gênero, profissão ou idade. Nesse aspecto particularmente, eles procuram apresentar-se tal qual são no mundo off-line.

Existem ainda as percepções mais extremistas, como o trans-humanismo, que postula que não existem mais limites definidos entre o organismo biológico e o organismo cibernético. O reino biológico estaria em vias de liquefação, e vindo para tomar seu lugar e controlá-lo estariam as máquinas. Sendo o corpo um organismo imperfeito, somente o computador pode abrigar o espírito humano. Conforme Le

Breton (2012), os trans-humanistas acreditam que seja possível abolir o corpo físico, transferindo os espíritos para o computador ou para as redes, acarretando em uma vida virtual eterna. É provável que essa concepção, no entanto, seja uma ilusão devido ao fato de que não podemos simplesmente abnegar toda a cultura e a significação social que se construiu em torno do corpo físico durante séculos. É o que afirma Hills (2003) quando aponta as diferenças entre teorizar e simular um espaço e o corpo. Segundo o autor,

Quando marginalizamos os corpos humanos [...] em teorias especializadas e em ambientes virtuais, reduzimos indivíduos e comunidades situadas, intersubjetivas, a conjuntos mensuráveis de coordenadas espaciais, que estão sempre abertas aos perigos da expropriação, e contribuimos para pôrg “ ” e elas possa ser traçada. (HILLS, 2003, p. 261)

Santaella (2004) também discorre nesse sentido ao afirmar que não devemos proclamar o fim do corpo, mas interrogá-lo, refletir sobre essas novas construções e transpor paradigmas. Afinal, a que se propõe o corpo moderno senão a uma série de problematizações que surgem de esferas distintas de análise? Sua multiplicidade e sua própria simbiose com as tecnologias configuram-se como um objeto que pode ser estudado por uma vasta gama de ângulos dentro das mais diversas áreas do conhecimento.

4.3 Corpo e deficiência

Dentre suas considerações sobre o corpo, Le Breton (2012), em outra obra sua intitulada *Antropologia do Corpo e Modernidade*, também faz ponderações acerca da condição da deficiência nesse contexto. Para ele, o discurso social afirma que o deficiente é uma pessoa normal, que está incluída na sociedade e não tem suas capacidades e seu valor minimizados pela sua condição, porém a situação real apresenta bem o contrário. A verdade é que queremos que o deficiente acredite que ele não é diferente de nós apesar de carregar o fardo da sua deficiência; continuamos mantendo, no entanto uma imagem estigmatizada dele. Nas palavras , “não falamos da deficiência, mas do deficiente, como se pertencesse à sua essência de sujeito *ser* deficiente, ao invés de *ter* um ê ” (LE BRETON, 2012, p. 217)

Goffmann, citado por Le Breton (2012), destaca que o fluxo normal da comunicação é rompido quando um dos indivíduos tem uma deficiência passível de ser observada imediatamente, pois a deficiência salta aos olhos antes de qualquer outra coisa. O deficiente não é visto enquanto homem, mas quase sempre acaba, no contato com o outro, gerando uma imagem que se forma apenas após atravessar o prisma da deficiência. Além disso, um dos grandes fardos que carrega o deficiente é não poder identificar-se no outro pela sua deficiência, sendo essa impossibilidade o cerne de todo preconceito. Como sugere o autor, apesar de sua condição humana não ser posta em questão, ele se sente marginalizado: “O olhar é o que conta” (LE BRETON, 2012, p. 75). Entretanto, os entrevistados não demonstraram transgredirem a ideia usual de humano, pois, para eles, a ideia de espelhamento não se baseia na imagem corporal em si, mas sim na atitude. Como o indivíduo com deficiência visual se atém mais à personalidade que à aparência física, o reconhecimento no outro se dá por essa face, e não conforme se imagina pelo paradigma da visão.

Especificamente sobre a questão do indivíduo com deficiência visual, Le Breton (2012) ainda sugere que o olhar é sentido dominante na sociedade atual: principalmente nos grandes centros urbanos, há uma predominância desse sentido em relação à audição. A visão é atualmente uma das principais formas de apropriação do ambiente pelo homem, tanto que cada vez mais vivemos em uma realidade permeada de telas: *smartphones*, computadores, *tablets*, televisões, etc. Falando especificamente do corpo nesse cenário, percebemos que há uma dificuldade muito grande para a pessoa com deficiência visual possuir referências detalhadas de outros corpos que não o seu. Durante a pesquisa empírica, constatou-se que os indivíduos com deficiência visual apresentam um conhecimento pouco aprofundado sobre padrões corporais, por exemplo, e que isso inclusive pode afetar na construção de sua própria imagem.

Diferentemente dos videntes, que são bombardeados com tais imagens todos os dias, os cegos pouco acesso têm a essa realidade, conforme cita Bárbara: para ela, o estereótipo de mulher bonita na nossa sociedade atual foi construído através da boneca Barbie, pois era algo que ela podia analisar tatilmente. Para o homem, a mesma coisa, pois existia o boneco do Ken: peito definido, ombros e costas largas, um corpo mais robusto em si. A partir disso, ao tocar corpos reais, ela pode perceber que o padrão de beleza vigente não é o que a maioria das pessoas apresenta: pelo

contrário, poucos atendem a esse padrão. Assim ela criou seu próprio padrão de beleza, adaptado às suas referências e ao que realmente lhe agrada: para ela, um homem belo não deve ser muito alto, já que ela tem estatura baixa, e deve ter bastantes pelos pelo corpo. Já uma mulher bonita é aquela que tem curvas e que é gorda, “gorda” (RELATO ORAL).

Sobre a representação mental de seu próprio corpo, os entrevistados declararam que se baseiam tanto no próprio toque como na descrição de videntes sobre si para formar essa imagem, como afirma Raul: “x”. A é levado em consideração a imagem de videntes, mas penso no que me deixa bem, mais à vontade” (RELATO ORAL). Ao serem solicitados para que se descrevessem fisicamente, todos iniciaram por peso, altura e cor dos cabelos, e depois partiram para características mais específicas, como cor da pele, formato do rosto, tipo de cabelo, forma do corpo, etc. Quando perguntados se não levavam em consideração algum aspecto de seu corpo no momento de criarem sua imagem mental, vários trouxeram à tona elementos como cicatrizes e pequenas deformações aos quais preferiam não dar destaque, optando por enfatizar aquilo que consideravam belo.

Já referente ao padrão físico que os atrai no sexo oposto (já que todos os entrevistados eram heterossexuais), houve descrições bastante específicas, com referências a altura, cor e comprimento dos cabelos, tipo de corpo, dentre outros. Entretanto, o que é fundamental salientar é que a opinião sobre o peso foi unânime: “gorda”.

Bárbara traz uma boa explicação para esse aspecto:

Pessoas mais cheinhas são mais agradáveis de apertar, ao contrário dos magros, que são rígidos e desconfortáveis. Este meu conceito deve estar muito ligado ao fato de o toque, ou a sensação do toque, ser mais importante para mim do que o visual. (RELATO ORAL)

Outro fator que também surgiu mais de uma vez nos relatos foi a referência aos hábitos de higiene. Muitas mulheres, por exemplo, afirmaram não gostarem de barba muito longa por isso representar para elas descuido com o corpo. Outros também citaram a importância de uma pele bem cuidada e, principalmente, de um cheiro que os atraia – fator de grande importância para pessoas com deficiência visual no que diz respeito à atração física.

Zonas erógenas, pela impossibilidade social de serem tateadas e também pelo tabu em se falar do assunto, configuram-se como uma parte do corpo acerca da qual muitos cegos ainda possuem dúvidas. Isso acaba sendo refletido inclusive na formação de sua sexualidade. Nos relatos colhidos nas entrevistas, essa questão apareceu diversas vezes, como no relato de Bárbara sobre sua primeira experiência sexual:

Ele foi o primeiro pênis que senti. Antes não tinha nenhuma imagem do órgão genital masculino, só conheci de crianças. Sabia que era algo meio arredondado e comprido. De uma forma meio óbvia, eu sabia que a coisa tinha que entrar em mim, então tinha mais ou menos noção do tamanho. Sabia teoricamente como era, então não foi um choque muito grande. Já os escrotos achei superestranhos, porque eu não tinha muita noção de como era, já que era algo já muito abstrato pra mim. Não sabia se eram bolas definidas ou indefinidas, quanto elas ficavam para fora do corpo, como era os saco escrotal, onde tinha pêlo, quanto pêlo, etc. Não tinha uma noção muito real. Fora os órgãos genitais, eu conhecia bem o corpo do homem pelo contato que tinha com meu irmão. (RELATO ORAL)

No relato de Sandra, a referência aos órgãos sexuais também apareceu:

“ g h g , h
dobras, antes de conhecer. Eu tampouco tinha uma imagem formada do pênis antes
” (). P , L x
questão:

Os órgãos sexuais femininos, por exemplo, eu só conheci na prática. Até tentei conhecer por brinquedos, de forma didática mesmo, mas não é semelhante. Não existe uma maneira ainda decente de estudarmos isso, falta recursos. Quando eu realmente conheci, vi que não tem relação uma coisa com a outra. Eu imaginava mais ou menos o que realmente é, mas foi uma construção teórica, porque o que foi apresentado antes no colégio, por exemplo, não tinha nada a ver. Eu tinha só um esboço mental que se aproximava do que era. (RELATO ORAL)

Apesar de tanto homens e mulheres possuírem uma imagem mental pouco elaborada dos órgãos genitais do sexo oposto, o que foi possível perceber nessas conversas é a forte repressão que recai sumariamente sobre a mulher quando o assunto é sexualidade. Os homens não declararam terem muitos problemas para trabalhar sua sexualidade, inclusive não se detiveram muito em questões de preconceito. Já as mulheres demonstraram terem sido muito repreendidas pela família quando sua sexualidade aflorou na adolescência. Muitas não podiam ficar a sós com seus parceiros ou então saírem na noite para justamente buscarem alguém com quem pudessem ter um envolvimento sexual e amoroso.

Além disso, foi possível constatar que as mulheres exploram muito menos o seu próprio corpo em função dessa mesma repressão, além de sofrerem mais com os padrões de beleza vigentes. Um dos entrevistados, por exemplo, disse que tem

h g “ ”

corpo, pois ele percebeu que, ao conhecer a mulher pessoalmente, a imagem mental que ele havia formado não estava totalmente de acordo com a realidade. No entanto, isso se deve ao fato de a mulher não ter muito conhecimento de outros corpos femininos e tampouco dos padrões estéticos. Deste modo, a opinião dela está baseada apenas nos referenciais que ela tem, que geralmente não são muitos.

O envolvimento sexual entre cegos também merece destaque visto que possui certas especificidades. Pedro opinou que, enquanto o sexo entre videntes está bastante impregnado de referências visuais sobre o tema, o cego age mais por instinto, justamente por não possuir essas referências. Inclusive, alguns elementos de que os videntes lançam mão para excitarem o parceiro, como maquiagem e *lingeries*, não geram sentido para a pessoa com deficiência visual, pois, para ele, a sensualidade está muito mais na atitude do que no objeto. Já outros ritos podem ser usados de forma adaptada, como danças eróticas e *strip-tease*, que são guiados muito mais pela lógica do toque que pela visão, já que o apelo da pessoa com deficiência visual durante o sexo é sumariamente tátil. Por exemplo, cegos costumam pegar a mão do parceiro e passar pelo seu próprio corpo para evidenciar suas formas físicas, seus trajes íntimos ou qualquer outro aspecto que deseje exibir, como conta Bárbara:

Tem coisas muito particulares que o cego pode fazer na hora da transa. O meu namorado, por exemplo, põe a mão no meu rosto na hora em que eu vou ter um orgasmo para ver a minha expressão. (RELATO ORAL)

Respeitando e conhecendo as percepções do indivíduo com deficiência visual, podemos evitar que suas limitações se tornem agravantes para o conhecimento e exploração de seu próprio corpo em função de pressões externas, já que a compreensão acerca do corpo é fator fundamental para o conhecimento de si. É preciso também atentar para as necessidades dessas pessoas no que se refere à educação sexual adequada a sua condição e ao acesso à informação para a busca de referenciais que o auxiliem compreender as especificidades do diferentes corpos, agregando informações relevantes para construir sua própria imagem corporal.

5 DEFICIÊNCIA VISUAL, SOCIALIDADE E RELACIONAMENTOS AFETIVOS NO MEIO VIRTUAL

Neste capítulo, serão abordados aspectos referentes ao ciberespaço: classificação das formas de interação que podem ocorrer nesse meio, relacionamentos virtuais e suas características, além de tecnologias assistivas para pessoas com deficiência visual. Isso para compreender de que forma o cego faz uso da internet para relacionar-se com outros indivíduos, buscar informações e também formar uma comunidade cega não geográfica. Para isso, serão usados majoritariamente os estudos de André Lemos (2002), Alex Primo (2008) e Howard Rheingold (1996), além de outros autores que ajudarão a complementar o pensamento e realizar cruzamentos com os resultados da pesquisa empírica.

5.1 Ciberespaço e Interação Virtual

Apesar de o ciberespaço ser um meio fluido, desterritorializado e não palpável, isso não quer dizer que ele não seja real. Virtualidade, nesse caso, não é o oposto de realidade. O ciberespaço é um espaço cuja base técnica é a internet e no qual são realizadas transações econômicas, relações sociais e, por que não, sexo. As trocas simbólicas podem acontecer em um meio abstrato, mas não perdem seu caráter de realidade, pois essas trocas geram emoções reais no usuário.

O que acontece é que o ciberespaço apresenta novas opções de socialidade, onde a pessoa pode, de certa forma, destituir-se de qualquer característica do seu corpo físico ou mesmo de sua personalidade para criar diversas *personas*. Apesar do meio ser virtual, o que está sendo ressaltado é que a socialidade não o é, pois ela é feita por pessoas reais através de redes de *bits* e *bytes*. Logo, ainda há troca de emoções e sentimentos por meio dessas redes, mesmo que de forma desterritorializada e não presencial. Para o cego, inclusive, esse universo pode ser por vezes mais convidativo do que a realidade em si: ali, ele se libera da carga de preconceito que recai sobre si em função de sua condição, a qual costuma dificultar aproximação de pessoas e, conseqüentemente, a comunicação.

Segundo Lemos (2002), o ciberespaço não é apenas uma rede telemática formada por códigos binários, pois, sob o ponto de vista da cibercultura, ali acontecem diversas trocas sociais tão complexas quanto aquelas que ocorrem no

mundo físico. Assim como na interação presencial, no meio virtual são criadas relações orgânicas e simbólicas que podem ser tanto duradouras como efêmeras. Da mesma forma, o autor cita que, no universo virtual, o indivíduo também é capaz de assumir e até mesmo potencializar as máscaras sociais que cria de si para aplicar em diferentes situações; a teatralidade, portanto, é uma característica em comum entre os dois meios.

Lemos (2002), ao citar os estudos de McLuhan, sugere que os novos *media* e a própria internet é “um retorno à oralidade, à taticidade e à

M L h “ já g
visão. Esta observação apresenta-se muito assertiva quando analisamos o quadro da deficiência visual em relação às novas tecnologias. Esses indivíduos, antes limitados ao acesso à informação pela dominância da escrita em tinta e os poucos materiais disponíveis em Braille ou em audiodescrição, agora podem buscar todo e qualquer material de seu interesse através da rede mundial de computadores, podendo fazê-lo praticamente como qualquer vidente, dentro de suas limitações, conforme destaca Bárbara:

A tecnologia te abre um mundo tão grande, que na vida real tu pode ter mais dificuldade de acessar em função de muitas coisas não estarem adaptadas ou pelo próprio preconceito, que isso acaba se tornando algo completamente tentador. Só é necessário um leitor de tela para ter acesso ao mundo. (RELATO ORAL)

Essa interação em ambientes virtuais já faz parte do cotidiano de relacionamentos dos indivíduos que integram a sociedade conectada à internet. Através de sites, *chats* de conversação, redes sociais, fóruns e demais ferramentas da web, o indivíduo diversifica e expande a teia de seus relacionamentos, podendo exercer, inclusive, certo controle sobre os fluxos de comunicação. Da mesma forma, o sujeito também interage com o meio, o canal: na realidade virtual, por exemplo, além da interação com o outro existe aquela com o meio virtual (interface gráfica).

É fundamental citar que Primo (2008) também aponta algumas diferenças entre a interação face-a-face e aquela mediada por computador. A interação face a face depende do compartilhamento de formas simbólicas em um ambiente físico determinado; é, portanto, restrito. Já através do computador, o ambiente físico comum entre as partes é abolido, deixando de existir esse empecilho para a

concretização do relacionamento. Desse modo, entende-se que a comunicação interpessoal não é necessariamente presencial e geralmente não se dá por um único canal.

Primo (2008) ainda recorre a diversos estudiosos e pensadores da cibercultura para definir os conceitos de interatividade e interação. Dentre eles, é interessante citar o pensamento de Rafael, o qual recrimina a postura de muitos críticos por afirmarem que a bidirecionalidade é característica fundamental da interatividade, contestando o fato de que essa é uma propriedade da comunicação reativa, que será explicada posteriormente. A partir de sua análise, nem toda a comunicação mediada por novas tecnologias pode ser considerada interativa, já que interatividade não é uma característica do meio, mas sim um *feedback* que se relaciona com as mensagens anteriores e destas com aquelas que as precederam, o “ á ”.

Outro ponto crucial para o entendimento das formas de interatividade é a teoria de Primo (2008), que postula dois tipos de comunicação interativa: a comunicação de dupla-via ou mútua e a comunicação reativa. Os processos de interação mútua caracterizam-se por serem dinâmicos, contínuos e contextualizados. Sendo assim, mesmo que dois relacionamentos recebam os mesmos estímulos, eles jamais serão idênticos. Já a comunicação reativa é altamente determinista e opera sob a lógica de programação fechada. Nesse tipo de interação, as mensagens devem se referir às anteriores, e isso faz com que não haja um espaço para respostas propriamente ditas, mas sim para a escolha dentre várias alternativas preestabelecidas. Uma característica importante da interação mútua é que, diferentemente de interações reativas, um comportamento não pode ser apagado ou excluído da interação, pois há certa historicidade na interação. Isto influencia diretamente na(s) identidade(s) das pessoas, que são o resultado dos inúmeros relacionamentos e contatos que tiveram durante a vida: é a expressão da intersecção desses relacionamentos.

Primo (2008) também explica a importância do conflito na interação mútua, pois é o choque dos comportamentos comunicativos que gera a interação e, conseqüentemente, desenvolve as relações entre os interagentes. Dessa forma, o conflito não é prejudicial ao relacionamento, mas sim contribui para os fluxos de comunicação e a geração de sentido. Para tanto, ao tratar da interação em ambientes como rede sociais é necessário compreender o conceito de interação

mútua, que é o mais adequado para explicar o processo relacional interativo entre sujeitos dentro do universo virtual.

5.2 A pessoa com deficiência visual na internet: tecnologias assistivas

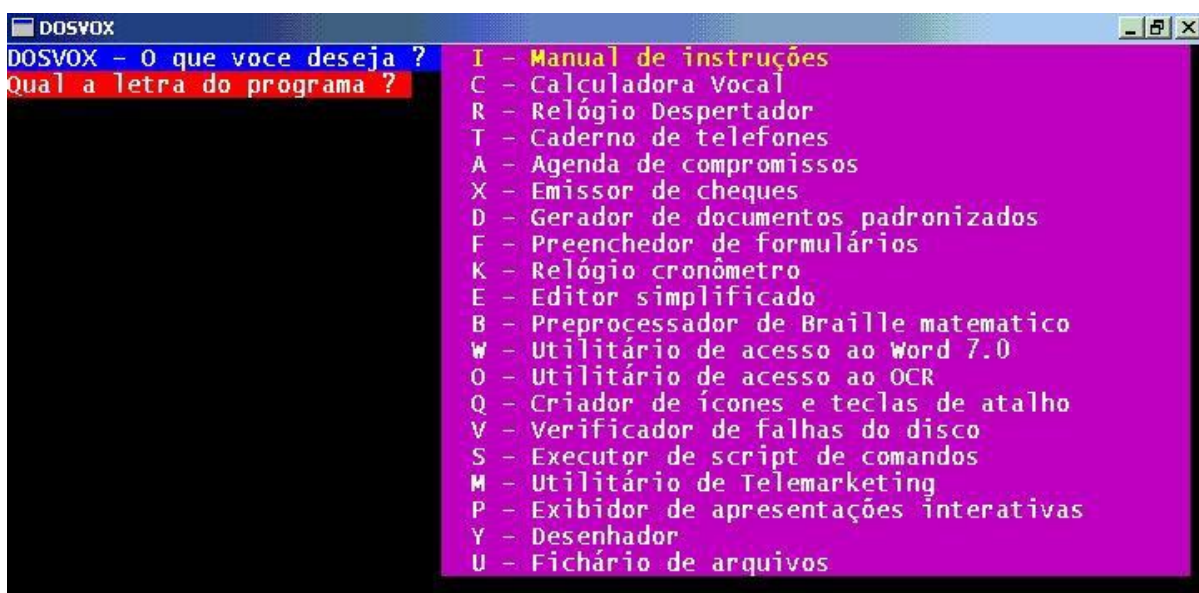
“A g é B ”

Bárbara em meio à discussão sobre tecnologias desenvolvidas para pessoas com deficiência visual navegarem na internet e usufruírem das funcionalidades dos computadores em geral. Ainda existe muito desconhecimento acerca da forma como os cegos utilizam tanto microcomputadores como *tablets*, *smartphones* e outros aparatos tecnológicos que funcionam por meio de telas. Em função disso, é necessário fazer um breve repasse sobre as ferramentas desenvolvidas especialmente para esses indivíduos manusearem esses equipamentos.

Leitores de tela são os principais sistemas através dos quais pessoas com deficiência visual podem obter respostas do computador como também de outros aparatos portáteis. Eles consistem em um software que sintetiza a voz humana e vai lendo as informações dispostas na tela à medida que o usuário vai navegando por elas. Segundo o entrevistado Raul, que é graduado em Ciências da Computação, os leitores são programados para lerem qualquer tipo de informação em qualquer aplicativo ou utilitário desde que o desenvolvedor destes tenha usado as regras universais de acessibilidade.

Os principais e mais difundidos leitores de tela disponíveis no mercado são o Jaws, de fabricação norteamericana, o Virtual Vision, único leitor de telas desenvolvido no Brasil, o NVDA, desenvolvido por uma ONG australiana, e o Orca, que possui a especificidade de roda no sistema operacional Linux. Além destes, destaca-se o software de caráter *open source* desenvolvido pelos pesquisadores do Núcleo de Computação Eletrônica da UFRJ: o DosVox. Sendo geralmente um dos primeiros softwares usados por pessoas com deficiência visual para acessarem as funcionalidades dos computadores, o DosVox é um sistema operacional completo que, além de funcionar como leitor de telas, apresenta uma interface especializada cheia de recursos. Através dele, o usuário pode desenvolver atividades que incluem desde navegar na internet até editar textos de forma simples e plenamente acessível.

Figura 1 - Painel de funções do DosVox



Fonte: <http://emefcapelozza.blogspot.com.br/2013/05/projetos-de-inclusao-dosvox.html>

Por sua vez, todos os equipamentos da linha Apple possuem seu próprio leitor de telas, o VoiceOver. Tido como um dos melhores - senão o melhor - leitor de telas entre os indivíduos com deficiência visual, o VoiceOver já está incluso dentre os utilitários de qualquer produto Apple, seja um Macbook, um Iphone ou um Ipad: toda a linha Apple é acessível, e eles possuem o cuidado de tentar padronizar todos os comandos do VoiceOver, independentemente do dispositivo que esteja sendo usado. Já o Android possui o leitor de tela Talk Back, mas como o Android é um sistema operacional bem pulverizado e acaba sofrendo certas adaptações de acordo com cada fabricante, seu leitor de tela não é tão padronizado quanto o VoiceOver.

Em geral, esses programas conseguem ler praticamente tudo o que está sendo passado na tela enquanto o usuário navega pelos ícones, abas e janelas usando a tecla *Tab*, pois o cursor não é a melhor opção para indivíduos com deficiência visual. No entanto, quase todos os entrevistados observaram que o Facebook ainda apresenta algumas dificuldades de navegação por meio de leitores de tela pelo fato de ser muito poluído. Alguns relataram acessar a rede social através da versão *mobile* mesmo em computadores, por ela ser mais limpa e não confundir tanto o software na hora de ler as informações. Outra questão que também surgiu foi a falta de acessibilidade de *chats* como o do Terra ou do UOL, que certamente poderiam ser um meio de os indivíduos com deficiência visual

interagirem com outras pessoas, especialmente videntes, além dos limites da comunidade cega online.

Pessoas com deficiência visual também exploram toda a potencialidade da rede não só para relacionamentos, mas para desenvolver tarefas diárias, como conta Bárbara:

O computador, hoje em dia, é tudo. Ele é a agenda, o caderno de anotações, local de estudo e leitura, fonte de vídeos e ferramenta de pesquisa. Na internet, a gente paga contas, confere extratos e faz todo tipo de compras, principalmente eletroeletrônicos, porque ali tem a descrição do aparelho e tudo o que ele faz, é minha vitrine. Sem contar as redes sociais, que te colocam no mundo dos videntes.

A internet é um dos locais mais acessíveis para a pessoa com deficiência visual realizar diversas atividades com o mínimo de dificuldade. Os leitores de telas são softwares de fácil manuseio e que liberam o acesso de um mundo de possibilidades ao cego, promovendo a inclusão no que se refere tanto à aquisição de conhecimentos e ao entretenimento como a todas as tarefas diárias essenciais que são desempenhadas pelo indivíduo.

5.3 A socialidade em rede e a formação de comunidades

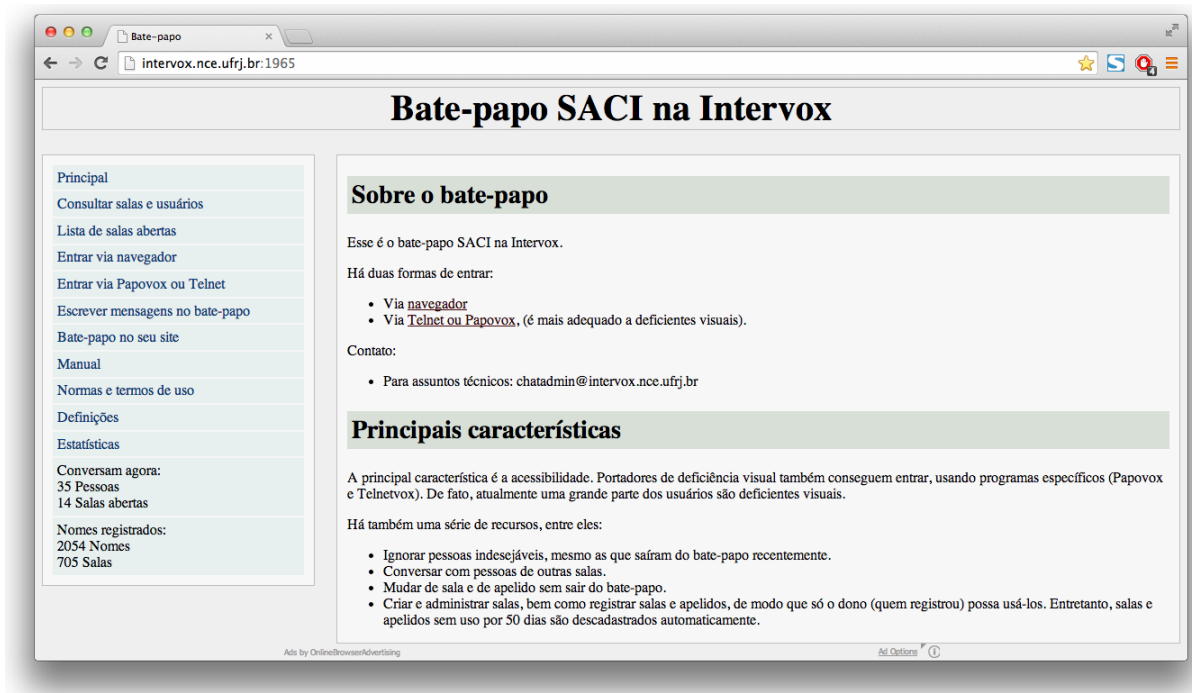
Por muito tempo, a tecnologia foi considerada instrumento da alienação, do individualismo e da falta de motivação com o mundo. No entanto, através da cibercultura, vemos que as novas tecnologias passam a ser meio para uma grande efervescência social, com pessoas compartilhando ideias, emoções, interesses e formando comunidades. Conforme Lemos (2002), a vida em sociedade está baseada no conceito de interação: não só a interação social, mas também a já citada interatividade relacionada aos novos *media*. Isso leva a pensar que, no caso, a tecnologia acaba sendo inerente ao social, pois ela não deixa de ser parte constitutiva do homem e da própria sociedade (LEMOS, 2002). Assim, a interatividade não surgiu devido às novas tecnologias, mas sim foi adaptada a este universo com manipulação de informações binárias.

Nesses ambientes, as redes sociais multiplicam-se para as mais diferentes funções e agrupam indivíduos pelos mais diversos interesses. Presenciamos a cada dia o surgimento de diversas comunidades virtuais, tanto de pessoas que se

conhecem fora da rede, mas, sobretudo, de indivíduos agregados por interesses ou características em comum. Conforme Rheingold (1996), comunidades virtuais são agrupamentos formados por pessoas que se interligam através de uma rede de dados, e não por meio de espaços físicos. Assim, essas novas comunidades podem ser consideradas como descentralizadas e descentralizadoras, além de darem um novo sentido ao próprio conceito de comunidade. Há uma transferência de certas características das comunidades tradicionais para esse meio, apesar de a interação em si ser mediada e não face-a-face.

Por meio de pesquisa exploratória, contatou-se que existe uma comunidade cega brasileira muito presente no meio virtual. Devido ao número relativamente reduzido de indivíduos com essa deficiência no país, a maioria deles (neste caso, aqueles com condições de acesso a um computador e à internet) se conhece e costuma relacionar-se por meio de sites específicos para cegos, redes sociais, *chats* e outros espaços destinados a eles. Abaixo seguem alguns exemplos desses espaços virtuais:

Figura 2 – PapoVox, o bate –papo do DosVox



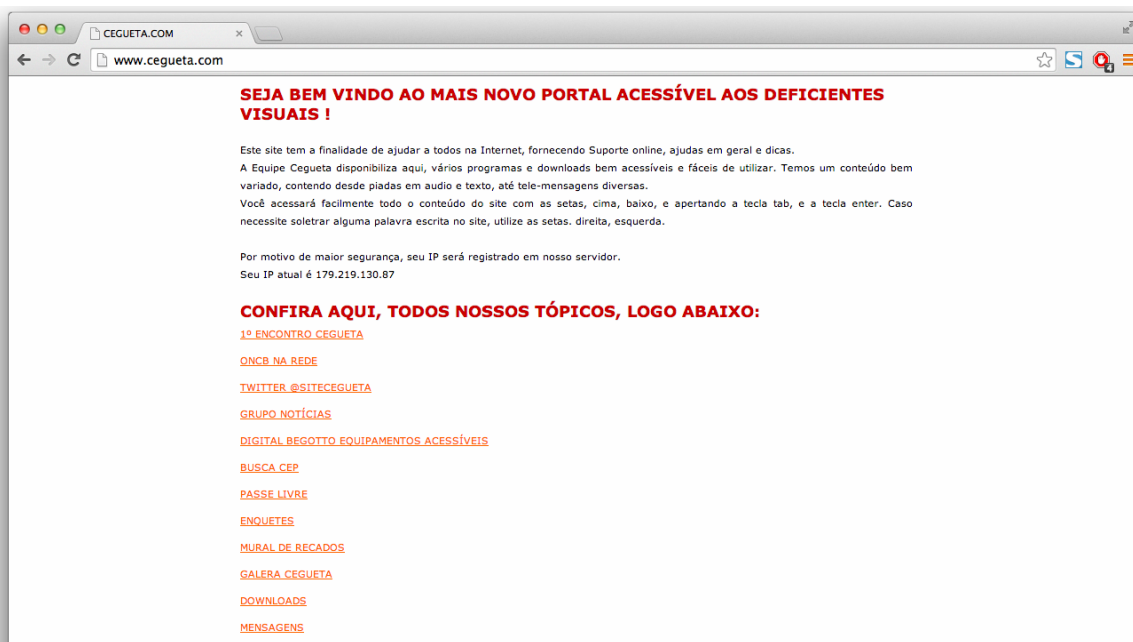
Fonte: <http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/>

Figura 3 – Portal Mundo Cegal



Fonte: <http://www.mundocegal.com.br/node/3/>

Figura 4: Portal Cegueta



Fonte: <http://www.cegueta.com/>

O PapoVox é um chat desenvolvido especialmente para pessoas com deficiência visual pelos desenvolvedores do Projeto DosVox, citado anteriormente.

Já os Portais Cegueta e Mundo Cegal são sites de conteúdo para pessoas com deficiência visual. Ali, o usuário pode fazer *download* de arquivos e programas, ouvir notícias, acessar tutoriais, além de estabelecer contato outros cegos da comunidade. O Cegueta possui um Mural de Recados onde as pessoas podem compartilhar informações, trocar contatos, deixar mensagens, etc. Já o Mundo Cegal oferece um espaço de interação onde os usuários podem se conectar através de Skype e MSN, além de poderem deixar um recado de voz.

Existem também perfis e comunidades em redes sociais voltados exclusivamente para a pessoa com deficiência visual. No Twitter, contas como @vidadecego, @papoacessível e @Dorina_Nowill (perfil da Fundação Dorina para Cegos) disponibilizam ao cego sugestões de aplicativos acessíveis, audiolivros, eventos, sites, *podcasts* e tantos outros materiais ou informações que possam ser úteis à pessoa com deficiência visual. Por sua vez, o Facebook abriga comunidades de cegos com especificidade de temas. O Grupo *Cegos na Cozinha*, por exemplo, é um canal de troca de receitas e métodos para o cego ter independência na hora de cozinhar. Do mesmo modo, pessoas com deficiência visual de todo o Brasil discutem novas tecnologias de acessibilidade e demais tópicos sobre o assunto no *grupo Os Cegos e a Tecnologia*, que já conta com mais de 800 membros.⁴

Dando continuidade às reflexões teóricas sobre o ciberespaço, Rheingold (1996) também destaca que o processo de criação de laços por afinidades percorre um caminho diferente daquele traçado usualmente. Fora das redes, os indivíduos costumam criar laços com pessoas próximas, como colegas de trabalho, de faculdade, vizinhos, amigos de amigos, etc. Já no ciberespaço, é possível relacionar-se com quem estiver conectado, não dependendo do partilhamento de ambientes físicos nem da proximidade de relações entre os indivíduos: selecionamos de cara pessoas com as quais partilhamos interesses e características comuns.

Com isso, entendemos que o ciberespaço expande e alarga as relações sociais, com o virtual funcionando como um complemento do real. No caso dos indivíduos com deficiência visual, além da ampliação desses relacionamentos, o tamanho do grupo é tão grande na explicação de por que esses

⁴ Fonte: Grupo "Os Cegos e a Tecnologia". Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/554651441297353/>>. Acesso em 01 de junho de 2014.

indivíduos interagirem tanto por meio das redes, como inclusive demonstra o relato de Bárbara sobre o assunto:

Nas redes sociais, eu poderia me relacionar com muito mais pessoas. Tu tem certa autonomia de escolher com quem que tu quer conversar, tu tem também uma autonomia do sentido de chegar na pessoa. Por exemplo, eu leio o perfil da pessoa, acho que ela é legal e adiciono. É diferente do mundo físico, do mundo real, onde eu não tenho tanta autonomia para escolher com quem quero conversar. (RELATO ORAL)

O próprio Rheigold (1996) salienta que as redes sociais são mais do que apenas um lugar virtual onde as pessoas se encontram: é também um meio para alcançar diversos fins. São grupos sociais que se formam através de pessoa conectadas entre si e onde é muito mais fácil trocar informações. Segundo o autor, *“... é que as pessoas possuem de atingir objetivos e metas comuns por vias que não dependem da confiança sob a luz dos quais os indivíduos intercambiam conhecimentos e informações relevantes ao grupo. É o que se observa nessas comunidades de cegos, onde eles se desprendem da dependência em relação à família ou instituições para pessoas com deficiência visual e buscam a informação por si só, criando uma teia de troca de conteúdos e conhecimento que os auxiliam no desempenho de suas atividades diárias.”*

5.4 Relacionamentos afetivos e a sexualidade no ciberespaço

O crescente uso da internet para fins afetivo-sexuais tem transformado as formas de socialidade e o próprio corpo, conforme citado no capítulo 4. O contato face a face já não é determinante para iniciar um relacionamento, assim como o indivíduo assume uma corporeidade virtual para interagir com um provável parceiro, gerando um híbrido entre corpo físico e corpo virtual. Na internet, o indivíduo é capaz de erotizar o corpo da maneira como pretender, sem estar preso a fenótipo físico pré-estabelecido. Isso aponta a possibilidade de construir e desconstruir o corpo e a identidade conforme for conveniente em cada situação, expandido o leque das expressões sexuais possíveis.

Além disso, para alguns indivíduos com poucas habilidades sociais ou condições que prejudicam o seu entrosamento há uma facilidade maior em se

aproximar de pessoas com interesses semelhantes aos seus pela internet. É justamente o que percebemos quando analisamos a situação dos indivíduos com deficiência visual. Nos relatos, muitos deles, especialmente as mulheres, afirmaram ter grande dificuldade em se aproximar de pessoas nos ambientes tradicionais de interação social, como festas e bares. Além da questão operacional da cegueira, que o impossibilita explorar o ambiente de forma autônoma, a deficiência por várias vezes afugenta pessoas que poderiam estar interessadas em iniciar uma conversa.

No meio virtual, é diferente. A internet elimina o que, para o cego, é uma das maiores dificuldades ao iniciar um contato presencial: o olhar. Geralmente, a primeira troca de informação que acontece entre duas pessoas nesse contexto do relacionamento afetivo se dá pela troca de olhares, principalmente em bares, festas e outros eventos sociais. A partir do olhar, muitos sentimentos e intenções podem ser traduzidos sem a necessidade de serem verbalizados, além de que é a melhor forma de o vidente explorar o ambiente para encontrar pessoas que o interessem. Para o cego, não existe algo que substitua integralmente esse universo de significação gerado pelo olhar nessas situações, por isso ele acaba tendo mais obstáculos para aproximar-se de quem lhe interessa sem o intermédio de outras pessoas. Já no meio virtual, ele é autônomo, podendo escolher como e com quem irá iniciar esse contato.

Além disso, o cego não precisa expor sua condição no primeiro contato se não desejar; ele tem, então, abertura para mostrar quem ele realmente é além da cegueira. Na internet, o indivíduo com deficiência visual deixa de ser um deficiente num primeiro momento para verdadeiramente se apresentar como homem, mulher, jovem, professor, médica, o que for. E isso, quando levamos em conta o descontentamento generalizado de cegos com o fato de serem julgados como seres assexuados, acaba tornando-se uma realidade às vezes até mais atrativa que a do

. “Como eu vou mostrar para um cara que ficar comigo é como ficar com qualquer outra mulher se ele não aceitar passar pela barreira da cegueira?

C ‘é ’? A á ”

Bárbara ao explicar porque grande parte dos cegos tem maiores facilidade em relacionar-se tanto com videntes quanto com outros cegos no meio virtual.

A perspectiva tecnófoba, descrita na obra de Rüdiger (2011), acredita que estamos nos enganando em relação a essa realidade de relacionamentos virtuais. Essa linha de pensamento defende que, na verdade, o indivíduo conectado está

preso na sua individualidade, num eterno diálogo entre ele e a máquina, e que as relações sociais construídas em rede não podem ir muito além da efemeridade. Porém, vimos que, no caso dos indivíduos com deficiência visual, as redes podem

“ ”. A ,

pode construir laços não só afetivo-sexuais como também de amizade sem ser prejudicado e/ou excluído pela condição da cegueira, e inclusive adquirir um status de independência, conforme afirma Lauro:

Por essa facilidade de falar coisas ou puxar assunto com pessoas que cara a cara você não iria, eu acredito que a internet é muito mais usada. E tem outra: a internet é o mundo; cara a cara é só onde você está. Na internet tem milhões de pessoas que podem te chamar a atenção, enquanto no lugar onde você está é só uma ou duas ou até nenhuma. (RELATO ORAL)

Apesar de a maioria dos entrevistados exporem sua preferência pelo contato presencial ao iniciarem um relacionamento afetivo, eles admitem que a internet seja um grande facilitador nesse quesito por quebrar o bloqueio da cegueira. A internet acaba sendo uma alternativa para a falta de opção que vários indivíduos com deficiência visual sofrem no momento de buscarem um parceiro, tanto que todos os entrevistados afirmaram já terem tido ao menos uma experiência afetivo-sexual com indivíduos que conheceram no meio virtual. A internet, assim, configura-se como um sinônimo de igualdade de oportunidades, como bem explica Cecília:

Eu acho que a internet possibilita muita coisa, porque a pessoa que vai chegar conversando com você, por exemplo, vai chegar mais livre de . A x g g “ , , é g ”. E , , já comunicação é bem mais fácil. Eu vejo que as pessoas no geral tem uma grande dificuldade com as pessoas cegas assim para chegar e conversar pessoalmente. (RELATO ORAL)

Outra prática difundida consideravelmente entre os indivíduos com deficiência visual é o cibersexo ou sexo virtual. Para fins de conceituação, o cibersexo compreende uma prática sexual onde não há o contato físico, apenas a estimulação dos sentidos entre duas ou mais pessoas via ambientes virtuais através de mensagens, imagens ou simulação. Lemos (2002) classifica o cibersexo como mais uma forma de apropriação das novas tecnologias digitais guiada pela prática social do erotismo. Em uma antecipação sobre o avanço dessa prática, o autor prevê que, com o constante desenvolvimento das tecnologias de realidade virtual, novas

possibilidades de lidar com a sexualidade nos meios digitais e ambientes eletrônicos estarão disponíveis em breve.

Com o cibersexo podemos realizar fantasias sexuais mesmo estando sós em nossos quartos. Através dele, pessoas excitam-se mutuamente sob sua própria identidade ou também sob um pseudônimo. Assim, em alguns casos pouco importa quem está do outro lado, quem é (são) o(s) interagente(s), pois o cibersexo constitui-

“ g á , j dos internautas que se revelam, escondendo- ” (LEMOS, 2002, . 162). P autor, o cibersexo permite desde a exploração de papéis sexuais diferentes até o estímulo erótico através de sensações corporais obtidas por meio da realidade virtual, o que, segundo ele, deve ser o próximo passo no uso das tecnologias digitais para o sexo.

Dentre os resultados da pesquisa empírica, alguns entrevistados declararam já terem praticado sexo virtual e outros, inclusive, dizem ainda fazê-lo esporadicamente com seus parceiros. Mais do que uma alternativa para a distância nos relacionamentos geralmente iniciados no meio virtual, o cibersexo pode representar também para a pessoa com deficiência visual uma válvula de escape da repressão sofrida na família. Dentre os relatos dos entrevistados, surgiu a história de uma menina cega que, ainda virgem pelo fato de a família não deixá-la sair de casa e ter relacionamentos saudáveis, praticava sexo virtual com seu parceiro com grande frequência como um meio encontrado para expressar sua sexualidade.

Apesar de todos os entrevistados que já tivessem experimentado tal prática declararem que ela traz prazer com certos limites e preferirem impreterivelmente o sexo físico, o depoimento de Bárbara sobre o tema foi muito válido para entender a questão:

O sexo virtual é satisfatório às vezes. Tem dias que eu fecho o olho e tenho a sensação de sentir a presença da pessoa. Mas, na maioria das vezes, isso não acontece. Homem tem muito mais facilidade para isso eu acredito, a imaginação dele voa mais. Consigo ter orgasmos com sexo virtual, me masturbo, uso brinquedos e tal. A maioria dos cegos faz sexo virtual, porque acontece muito do pessoal namorar e ficar muito tempo sem se ver, aí é mais legal os dois estarem juntos se masturbando do que sozinhos, já que grande parte dos nossos relacionamentos começa na internet. (RELATO ORAL)

Ao abordar as questões relativas à sexualidade virtual e aos relacionamentos via internet, estamos lidando diretamente com a problemática das conexões e interações humanas. Segundo Bauman (2004), o que vemos com o advento da

proximidade virtual é a banalização dos relacionamentos humanos e a suspensão da contiguidade física. As relações são mais leves e banais, e os contatos levam menos tempo e menos esforço para serem estabelecidos como para serem terminados; agora, é a proximidade virtual que determina o padrão de todas as outras proximidades. No entanto, o autor ressalta que seria tolo e irresponsável culpar as novas tecnologias pelo ganho de preferência que vem tendo a proximidade virtual em detrimento da não virtual. Com efeito, a proximidade virtual oferece diversas vantagens em relação à física, e, por isso, não gera espanto o fato de que ela seja a forma de contiguidade praticada com mais espontaneidade e zelo.

Portanto, ao julgarmos como efêmeros e vagos os relacionamentos iniciados via internet, devemos lembrar, antes de tudo, que é ali que muitas pessoas conseguem criar laços afetivos às vezes até pela primeira vez. Inclusive, a entrevistada Cecília, que namora e vive junto com um vidente há 5 anos, contou que teve o primeiro contato com seu parceiro em um jogo de RPG online e namorou pela internet, sem conhecê-lo pessoalmente, durante 9 meses. Assim, além de poder superar o próprio estigma da cegueira - que recai com muita força sobre as mulheres - e conseguir relacionar-se afetivamente com um vidente, a entrevistada ainda salientou que este é o único namorado que teve até então, pois, anteriormente, tinha uma grande dificuldade em aproximar-se de homens pelos meios ditos “virtuais”. A internet, com suas possibilidades de conexão, traz ao deficiente um mundo que muito possivelmente ele não seria capaz de acessar de forma autônoma e sem sofrer com o preconceito e os pré-julgamentos de uma sociedade que sobrepõe a deficiência ao ser humano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao princípio, esta pesquisa configurava-se como um grande desafio. Além da bibliografia escassa, a abordagem do tema era delicada visto que ia além da questão da corporeidade para estudar também a sexualidade da pessoa com deficiência visual. Tudo isso analisado em um meio onde a estruturação das interações interpessoais e dos relacionamentos afetivos segue uma lógica específica, que é o virtual. Inclusive, pode-se dizer que, mais do que para muitos videntes, a experiência da pessoa com deficiência visual é amplamente potencializada nesse meio, visto que a deficiência pode tornar-se facilmente ocultável no ciberespaço se o indivíduo optar por isso. Assim, ele tem o poder de escolha: não apenas para com a sua deficiência, mas também para aproximar-se com mais facilidade de quem o interessar.

Isto posto, retomamos o problema inicial desta pesquisa, que se propunha a descobrir como os indivíduos com deficiência visual construíam a representação de seus corpos e expressavam sua sexualidade em ambientes virtuais, tentando identificar também sentido produziam acerca do corpo dos outros nesses espaços. Ainda, o estudo buscava identificar como o indivíduo com deficiência visual relaciona-se afetivamente com outros indivíduos no ciberespaço. Inevitavelmente, a pesquisa acabou por adentrar também questões relativas ao preconceito, principalmente no que se refere à sexualidade, inerente ao tema pesquisado.

Como não haviam hipóteses formalmente formuladas sobre o assunto a julgar pela especificidade da questão e pelo pouco conhecimento teórico prévio sobre o tema em si, considera-se que a pesquisa alcançou resultados muito pertinentes. Mais do que isso, o desdobramento do tema trouxe à tona questões muito instigantes sobre a relação entre deficiência visual e sexualidade, além de aspectos sobre preconceito de gênero. Assim, como se é esperado de qualquer pesquisa, para além dos resultados surgiram muitos outros questionamentos, passíveis de estudos mais aprofundados e específicos, os quais serão expostos posteriormente.

No que concerne o aporte teórico encontrado para embasar o estudo, observa-se que ainda existem poucos textos relativos à questão tanto da sexualidade quanto dos aspectos relacionados ao conhecimento do corpo por indivíduos com deficiência visual. Não obstante a correlação entre deficiência e sexualidade esteja sendo considerada um tema provocativo para estudos

acadêmicos, percebe-se que os artigos e livros encontrados carecem de um estudo mais específico, mais aprofundado sobre determinadas facetas do tema. Poucos materiais foram encontrados, por exemplo, sobre o cruzamento entre deficiência, sexualidade e novas tecnologias, que é o mote central deste trabalho. Afora esse ponto, os demais estudos apresentados foram bastante válidos à pesquisa empírica, possibilitando a realização de conexões pertinentes entre a teoria e a prática.

Apesar disso, muitos questionamentos tiveram que ser respondidos através da pesquisa empírica dado que realmente não foi encontrado suporte teórico adequado a eles. Muito disso diz respeito ao uso das tecnologias virtuais pela pessoa com deficiência visual e as vantagens trazidas por elas ao indivíduo em questão em se tratando de aspectos relativos à autonomia e à igualdade perante os videntes. A informação sobre esses tópicos ainda se encontra muito desconexa e dispersa, dificultando o processo de pesquisa. Desse modo, acreditou-se ser mais válido explorar o assunto por meio das entrevistas, que, com efeito, trouxeram as respostas esperadas sobre o assunto.

Conforme foi relatado na introdução deste trabalho, optou-se por realizar o estudo de uma forma teórico-empírica, ou seja, apresentando a análise dos resultados da pesquisa empírica no decorrer do alinhamento teórico. Contudo, como foi dito anteriormente, a pesquisa levantou questionamentos e aportou discussões que não estavam previstos nos objetivos iniciais. Por isso, serão trazidos na sequência todos os demais fatos relevantes que surgiram dos relatos orais e que apresentam um potencial latente de aprofundamento investigativo. Entretanto, primeiramente será feito um repasse de questões relativas à cegueira que apareceram nos depoimentos, os quais são inclusive significativos para entender as diferenças sobre o entendimento de cada entrevistado acerca de determinados temas de acordo com a sua relação com a família, sua sexualidade, casos de preconceito e com a forma como se tornou cego.

Entre os entrevistados, considerando os conceitos sobre tipos de cegueira apresentados no capítulo 2, somavam-se três DVs totais adquiridos, três DVs totais congênitos e um indivíduo com baixa-visão, mas que atualmente considera-se DV total por ter sofrido uma perda considerável da acuidade e do campo visual nos últimos anos; dentre eles, apenas uma entrevistada perdeu a visão na fase adulta. Considerando estas informações, o que se pode constatar é que, para o cego congênito, a adaptação ao mundo dá-se de forma praticamente normal, pois ele não

sente tão fortemente as inaptações do meio a sua condição quanto o cego adquirido. Mas, de forma geral, todos os entrevistados relataram que, salvo algumas dificuldades de locomoção e de aprendizado do Braille, a adaptação ocorreu em pouco tempo.

Um elemento que foi recorrente em alguns depoimentos foi a questão da não aceitação da deficiência pela família, fato citado no capítulo 3. Para muitos indivíduos com deficiência visual, pesa mais a negação e o preconceito da própria família do que a deficiência em si. Alguns relatos foram muito duros no que concerne este tema, como o de Pedro, que afirmou haver tentado comportar-se como vidente entre seus 14 e 18 anos para atender aos anseios da mãe, que tinha vergonha do filho cego. Pedro contou que a postura da mãe em relação a ele gerou uma revolta e uma frustração muito grande, não pela cegueira, mas por não poder corresponder
 j h “ ” à . M g é
 renegam a bengala e o Braille por serem elementos que remetem imediatamente à deficiência visual. Bárbara, que também foi muito oprimida pela família, reitera esse sentimento no relato abaixo:

A família tem vergonha da sociedade se tentarmos viver a nossa vida. Como se o deficiente não pudesse ficar com alguém, ter sua sexualidade, ser independente. Pra mim essas ações aí tem lógica se pensarmos que os familiares têm vergonha de exibir a pessoa com deficiência. (RELATO ORAL)

De fato, a deficiência visual provoca certos comportamentos peculiares nos videntes que convivem com o deficiente, muitas vezes fazendo com que esse adquira receios e preocupações em relação à cegueira que não são exatamente
 , . “O grande impacto foi que comecei a ficar com
 , , h ”,
 Bárbara. Antes de tornar-se DV total, apesar de já possuir uma visão muito limitada, a não atribuição do conceito de deficiente visual a ela fazia com que as pessoas continuassem tratando-a de forma normal. Porém, esse quadro mudou quase que instantaneamente após o momento em que os médicos a declararam deficiente visual oficialmente: a partir daí, a atribuição do conceito transformou a forma como as pessoas lidavam e se comunicavam com ela, evidenciando um cenário de diferença e exclusão.

No que concerne às questões relativas ao corpo, a pesquisa foi eficaz no sentido de trazer os resultados buscados e também de ir além daquilo que era esperado, elencando descobertas. Primeiramente, é necessário destacar que cegos congênitos e adquiridos diferenciam-se consideravelmente em determinados aspectos sobre descrição corporal e representação mental. Ao serem solicitados a descreverem que tipo de indivíduo do sexo oposto os atrai fisicamente, percebeu-se que adquiridos e baixa visão ainda levam em consideração elementos como a cor do olho e dos cabelos e da pele, enquanto congênitos se detêm em aspectos como altura, formato do corpo, comprimento e tipo de cabelo, etc. Entretanto, todos salientaram a importância fundamental do cheiro e da voz para se sentirem atraídos por alguém.

A autoimagem criada pelos indivíduos com deficiência visual também é fator que merece destaque neste estudo. Em geral, todos os entrevistados declararam terem uma imagem mental clara de si, que se constrói tanto pela exploração tátil do corpo quanto pela opinião de videntes. No entanto, percebeu-se que a falta de referenciais externos faz com que possa haver distorções em relação a esta imagem no que diz respeito à realização de comparativos. Exemplificando este ponto, toma-se o relato de Raul, o qual declarou ter percebido que, ao encontrar pessoalmente meninas que havia conhecido pela internet, a descrição que elas haviam dado de si não estava de acordo com a realidade que se apresentava. Para Raul, essas meninas estavam mentindo sobre seus corpos, mas o que se constatou a partir das demais histórias de vida é que o cego possui muito menos referenciais corporais do que os videntes, conforme destaca Bárbara:

O cego, ao se descrever, não tem muitos outros referenciais que o auxiliem a fazer comparativos. Uma menina que tenha seios de tamanho médio, por exemplo: se ela não souber o que são seios grandes, ela pode achar que os delas são grandes. É a opinião dela formada pelas referenciais que ela tem. Assim como ser magra ou gorda. (RELATO ORAL)

Muitos cegos, por isso, têm estratégias próprias para explorarem as formas corporais de outras pessoas. As mulheres, por exemplo, mencionaram que, na adolescência, tiveram experiências de descoberta do corpo com outras amigas, explorando umas às outras pelo tato e fazendo comparativos. O cego, pela sua condição, cria uma consciência corporal muito grande, uma percepção bastante aguçada, e às vezes sequer precisa de muito contato físico para assimilar as formas

corporais de outro indivíduo. Alguns cegos relataram já conseguirem perceber aspectos da aparência de alguém apenas pelo toque com o braço ao serem conduzidos, pela maneira da pessoa andar, ou até mesmo pela própria proximidade física. Existem também muitos cegos que, ao cumprimentarem a pessoa, colocam a mão em seu peito para sentirem o indivíduo com mais acuidade; essa prática, porém, é vista com certa deselegância, principalmente em se tratando de mulheres.

Por sua vez, o rosto não é uma parte do corpo de fácil assimilação de detalhes no momento da formação da imagem mental. Para os indivíduos com deficiência visual, é muito difícil imaginar as peculiaridades do rosto de outras pessoas por mera descrição. O tato, nesse caso, é fundamental para assimilar as diferenças e formar uma imagem específica para cada indivíduo; do contrário, o rosto se tornará um elemento bastante genérico. Pedro explica que nos contatos por internet, por exemplo, é extremamente difícil formar uma imagem do rosto, o que acaba fazendo com que todos sigam um mesmo padrão. Já Bárbara ressalta que, para ela, tudo o que se relaciona ao rosto é muito abstrato, principalmente expressões faciais, das quais ela não tem uma compreensão muito clara. E, por isso,

“ é g , *emoticons* com expressões faciais que o cego consegue identificar e utilizar porque está escrito é ”, conforme já citado no capítulo 4.

Da mesma forma, a falta de uma educação sexual adequada às necessidades da pessoa com deficiência visual faz com que ele não consiga criar uma imagem mental muito clara dos órgãos genitais opostos ao seu por falta de referenciais, fator também citado no capítulo 4. Bárbara relata que, na escola, a forma encontrada para que ela pudesse compreender a estruturação dos sistemas do corpo humano era através de reproduções em massinha de modelar que ela mesma elaborava com auxílio descritivo da professora. No momento de fazer o sistema reprodutor masculino, porém, a professora de Bárbara, carregada de tabus, hesitou em fazer uma descrição detalhada dos órgãos. Isso fez com que Bárbara não compreendesse as especificidades dos genitais masculinos até o dia em que teve sua primeira experiência sexual, causando-lhe estranheza e desconhecimento ao primeiro contato. Por sua vez, Pedro conta que tinha uma ideia muito rudimentar da vagina antes de conhecê-la pelo toque: para ele, o órgão genital feminino era algo composto de um corte longitudinal com um orifício central, sem maiores especificidades.

Sobre as descrições corporais, enfatiza-se que essa é uma prática reativamente comum entre cegos no momento em que conhecem outra pessoa, principalmente pela internet; é mais fácil que isso ocorra, porém, quando há um interesse maior na pessoa com quem se fala. Além disso, a descrição física aparenta ser mais relevante para cegos adquiridos do que congênitos, os quais valorizam mais a personalidade da pessoa. Entretanto, mesmo indivíduos que ficaram cegos já na adolescência ou em idade adulta demonstraram, pelos relatos orais, uma mudança de comportamento no que diz respeito a padrões físicos. Para eles, a personalidade e o caráter passaram a ser características que,
 C : “o que eu vejo que mudou é que antes a beleza chamava mais atenção que o interior da pessoa.
 N é ” (RELATO ORAL).

Já no que concerne a sexualidade, constatou-se que existe – e com muita força – essa ideia de que o cego é assexuado. De maneira geral, essa imagem é transcendida no momento em que há uma oportunidade das pessoas conviverem e conhecerem melhor o indivíduo com deficiência visual, mas muitos cegos são privados por muito tempo de expressar sua sexualidade em função disso. Ou então, há uma concepção de que o sexo entre pessoas com deficiência visual seja diferente do sexo entre videntes, o que leva certas pessoas a terem receio de iniciar um relacionamento com um cego. De fato, os entrevistados afirmaram que o sexo entre cegos trabalha muito mais a questão do tato, do toque, mas, obviamente, nada que se distancie muito do sexo vidente. Por culpa dessa teia de preconceitos, a tendência é que a pessoa com deficiência visual consuma materiais eróticos para, além de buscar um conhecimento teórico sobre o assunto sem ter de perguntar à família, e poder trabalhar sua sexualidade de forma saudável.

Outro resultado bastante relevante que surgiu da pesquisa empírica foi a questão do preconceito de gênero que existe no universo da deficiência visual. Enquanto o homem cego aparenta conseguir ter uma vida sexual praticamente normal, a mulher acaba sendo muito reprimida sexualmente, principalmente pela família. A mulher cega tem que transpor uma barreira muito grande criada pela cegueira para conseguir mostrar quem ela realmente é. Segundo as entrevistadas, existem muito mais casais de homens cegos com mulheres videntes do que o contrário, além do fato, já citado anteriormente, de que a mulher deficiente visual sofre discriminação de ambas as partes: homens que enxergam e homens cegos.

Então, para elas, o desafio é muito maior, e isso é refletido no próprio conhecimento do corpo. Segundo Sandra, que desenvolve um trabalho de discussão com um grupo de cegas em sua cidade, aquelas com menos acesso à informação não buscam desenvolver sua sexualidade, explorando o próprio corpo. Elas mesmas reproduzem para si os tabus e os preconceitos da sociedade, o que leva muitas a terem problemas de autoestima.

A internet, assim, acaba tornando-se um meio de minimizar o estigma da cegueira e também uma fuga do protecionismo das famílias. Muitos cegos, inclusive, encontram na internet um meio de socializarem e se sentirem menos sozinhos não só no sentido amoroso e sexual, mas também no que diz respeito a amizades. Do mesmo modo, o virtual abre caminhos para o indivíduo com deficiência visual ser autônomo em suas tarefas diárias e no estudo, colocando-o em uma situação mais igualitária em relação ao vidente. Nesse espaço, a pessoa com deficiência visual tem a oportunidade de explorar tanto ambientes destinados a pessoas cegas, comunidades e fóruns de discussão de cegos, como ambientes de interação universais, onde ele tem maior contato com videntes. Pedro, por exemplo, contou que costumava entrar em *chats* e salas de bate-papo da rede para entender como videntes falam sobre sexo nesses espaços, adquirir experiência.

As novas tecnologias, dessa forma, possibilitam um ganho de comunicação para pessoas com deficiência visual, estabelecendo condições adequadas para que ele interaja com autonomia e transponha as limitações impostas pela cegueira. As fronteiras se tornam muito mais permeáveis, trazendo o mundo ao encontro do cego e viabilizando o acesso ao conhecimento e à informação de uma forma muito mais acessível. Ainda, como foi explicado no decorrer deste trabalho, a internet e, principalmente, as redes sociais contribuem para o desenvolvimento da face afetiva e sexual dessas pessoas, potencializando as oportunidades de relacionamentos tanto com outros cegos como com videntes.

A pesquisa, além de tudo, buscou trazer para o campo da comunicação reflexões acerca da aplicação da fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1996) no universo dos indivíduos com deficiência visual, tratando da sua comunicação com o mundo através do corpo bem como da sua própria concepção do ambiente, dos objetos e das pessoas. Da mesma forma, tratou-se de destacar a importância das novas perspectivas de construção do corpo para os estudos comunicacionais, evidenciadas nos textos de Santaella (2004 e 2007), Le Breton

(2006 e 2012) e Wunemberger (2006), já que o corpo se ressignifica e se reconstrói constantemente em função de ser encarado como um fenômeno associado às manifestações culturais dos diferentes grupos sociais. Além disso, ele também é fruto da intersecção da cultura com as novas tecnologias, que tem se configurado como um campo de interesse muito grande para a comunicação. Nesse sentido, os fenômenos associados à comunicação mediada por computadores, à cibercultura e as novas formas de socialidade no meio virtual tornam-se fundamentais para amarrar as ideias da pesquisa, havendo sido trabalhados fundamentalmente pelas ideias de Alex Primo (2008), André Lemos (2002) e Howard Rheingold (1996).

Em suma, acredita-se que este trabalho tenha servido para expandir as perspectivas do estudo com pessoas com deficiência visual e sua relação com o corpo, a sexualidade e a internet. Da mesma forma, buscou-se evidenciar as perspectivas desses indivíduos em relação à comunicação virtual, promovendo uma discussão acerca das questões de inclusão social nesse meio. Os cegos, assim como todas as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, querem ser ouvidos sobre seus anseios em relação a preconceitos e repressões que sofrem no seio familiar e social, ambos impregnados de tabus. As ideias para uma pesquisa mais aprofundada foram lançadas, principalmente no que diz respeito à percepção de mundo do cego e como podemos compreender esse entendimento não sob a perspectiva do paradigma da visão, mas sim da própria cegueira.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lucia. **Compreendendo o Cego**: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de Desenhos-Estórias. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

BALDANZA, R.F. **A comunicação no ciberespaço**: reflexões sobre a relação do corpo na interação e socialidade em espaço virtual. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 29, 2006, Brasília.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro : J. Zahar, 2004. 190 p.

BRAVIANO, Gilson; HONORATO, Sérgio. **A formação da imagem mental em pessoas com deficiência visual**. Revista Educação Gráfica, Bauru, v. 16, n. 3, p. 72-87, 2012.

BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Sexualidade de Cegos**. Campinas/SP: Editora Átomo, 2008.

COMIN, Fábio S. AMORIM, Katia de Souza. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 189-214, jun. 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, M.; RÉGIS, F. Sexualidade, tecnologia e identidade na era da comunicação total. **Logos: comunicação & universidade**. Rio de Janeiro, RJ Vol. 10, n. 19 (2º sem. 2003).

HILLIS, Ken. **Sensações digitais** : espaço, identidade e corporificação na realidade virtual. São Leopoldo : UNISINOS, 2004. 280 p.

Instituto Benjamin Constant. Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=94>>. Acesso em 27 de março de 2014.

KIM, Lillian Lee. **Almost a sight for sore eyes**. Disponível em: <http://articles.baltimoresun.com/1999-01-18/features/9901180154_1_sight-for-sore-eyes-blind-first-sight>. Acesso em 03 de abril de 2014.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Org.). **O Triunfo do Corpo**: Polêmicas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. p. 15-32.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre : Sulina, 2002. 320 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, SP : Editora 34, 1999. 260 p.

MASINI, Elcie F. Salzano. **O perceber e o relacionar-se da pessoa com deficiência visual**: orientando professores especializados. Brasília: Corde, 1994.

MARRÉ, Jacques Léon. **História de Vida e Método Biográfico**. In: Cadernos de Sociologia, Porto Alegre, UFRGS, v.3, no. 3 jan/jul. 1991 p.89-141.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto R. De Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAIS, Diele Fernanda Pedrozo de. **A formação da imagem mental e a representação gráfica de alunos cegos precoces e tardios**: um relato de experiência. Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo3/anais/Diele%20Fernanda.doc>>. Acesso em 12 de abril de 2014.

ORMELEZI, Eliana Maria. **Os caminhos da aquisição do conhecimento e a cegueira**: do universo do corpo ao universo simbólico. 2000, 273 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

POLAK, Ymiracy N. de Souza. O corpo como mediador da relação homem/mundo. **Texto & Contexto em Enfermagem**, v.6, n.3, p. 29-43, 1997.

PORTO, Eliane. **A corporeidade do cego**: novos olhares. Piracicaba/SP: Editora UNIMEP/Memnon, 2005.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **A emergência das comunidades virtuais**. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais. Disponível em: <http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em maio de 2014.

_____ **Interação mediada por computador**: comunicação, cibercultura, cognição. 2. ed. Porto Alegre : Sulina, 2008. 240 p.

Projeto DosVox. Rio de Janeiro/RJ. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/>>. Acesso em 17 de maio de 2014.

REDE SACI. **Outros programas (softwares) para pessoas com deficiência visual**. Disponível em: <<http://saci.org.br/?modulo=akemi¶metro=6576>>. Acesso em 01 de junho de 2014.

RHEINGOLD, Howard. **A Comunidade Virtual**. Lisboa: Gradiva, 1ª Edição, 1996.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, Lucia. O corpo como sintoma da Cultura. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 1, n. 2, 2004.

_____ Figurações do corpo biológico ao virtual. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens Universidade Tuiuti do Paraná**, Paraná, v.4, n. 2, 2007.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O arquipélago imaginário do corpo virtual**. *A/ea* [online]. 2006, v. 8, n.2, pp. 193-204 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517106X2006000200003&lng=en&nrm=iso>

APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO**A U T O R I Z A Ç Ã O**

Eu, (nome do entrevistado (a)...)....., abaixo- assinado, autorizo **Elisa Bortolini**, estudante de Comunicação Social – Relações Públicas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título **Deficiência visual, corporeidade e tecnologia: um estudo sobre a construção da imagem corporal e a expressão da sexualidade por pessoas com deficiência visual em ambientes virtuais** e está sendo orientado pela Prof^a Dr^a Nísia Martins do Rosário e coorientado pela Prof^a Ms. Lisiane Machado Aguiar.

Porto Alegre,...., dede 2014.

Assinatura do entrevistado

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

1. INFORMAÇÕES GERAIS

- 1.1. Nome (opcional)
- 1.2. Idade
- 1.3. Grau de escolaridade
- 1.4. Profissão
- 1.5. Cidade onde vive

2. QUESTÕES RELATIVAS AO CORPO E ÀS IMAGENS MENTAIS

- 2.1. Quando e como você perdeu a visão?
- 2.2. Como foi sua adaptação ao mundo vidente?
- 2.3. Como é uma pessoa bonita e atraente fisicamente para você?
- 2.4. Você se considera atraente? Como você se descreveria?
- 2.5. Qual parte do seu corpo você considera mais atraente e por quê?
- 2.6. Como é seu corpo para você? Como você tomou consciência das especificidades dele pela primeira vez?
- 2.7. Existe algum detalhe do seu corpo que você não leva em consideração no momento de criar a sua própria imagem corporal? Algo que você não goste?
- 2.8. Os traços de personalidade são relevantes para você para criar uma imagem mental de alguém?
- 2.9. Geralmente, como você constrói mentalmente a imagem humana? Ela tem cor, tem rosto?
- 2.10. Como você escolhe suas roupas? Como você criou este conceito de vestir-se bem?
- 2.11. O que você faz para cuidar da sua aparência, para ficar atraente?
- 2.11. Quais as estratégias que você utiliza para descobrir as formas corporais das outras pessoas em um primeiro contato?

3. QUESTÕES RELATIVAS À SEXUALIDADE

- 3.1. Qual sua opção sexual?
- 3.2. Como você sente que as outras pessoas, principalmente videntes, encaram a sua sexualidade?
- 3.3. Como foi lidar com a sexualidade durante sua adolescência?
- 3.4. Como a sua família encarou quando você começou a querer expressar sua sexualidade? (querer se relacionar, namorar, etc.)
- 3.5. Quais as maiores dificuldades que você encontra em expressar a sua sexualidade?
- 3.6. Você está em algum relacionamento atualmente? Se sim, como você iniciou o relacionamento no qual tu tá agora?
- 3.7. Como geralmente começam seus relacionamentos afetivo/sexuais? Como você faz pra se aproximar de alguém que te interesse sexualmente?
- 3.8. Qual o maior preconceito que você encontrou ao tentar relacionar-se com alguém?
- 3.9. Você acha que existe diferença no envolvimento entre afetivo/sexual entre cegos e entre videntes? Por quê?
- 3.10. Você já se relacionou com videntes? Se sim, conte como foi a experiência.
- 3.11. Você consome ou já consumiu material erótico? Se sim, isso foi importante para seus conceitos sobre sexualidade e construção corporal?

4. QUESTÕES RELATIVAS AO RELACIONAMENTO PELA INTERNET

4.1. Como foi o seu contato e aprendizado acerca do uso do computador e da internet?

4.2. Qual a vantagem dessa forma de comunicação para você?

4.3. Que sites você costuma usar para se comunicar com outras pessoas (via internet, é claro)?

4.4. Como você costuma se apresentar ao iniciar uma conversa com um (a) desconhecido (a) pela internet?

4.5. É possível ter um relacionamento sério pela internet? Como?

4.6. Você acha mais fácil relacionar-se afetivamente com alguém pela internet? Por quê?

4.7. Você acha que o modo como é possível você se comunicar pela internet com outras pessoas é eficiente, lhe satisfaz?